

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

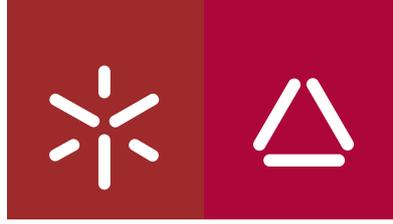
Joana Pereira Dias

**As relações amorosas entre praticantes
de BDSM à luz do ideal de relação pura**

Joana Pereira Dias **As relações amorosas entre praticantes de BDSM à luz do ideal de relação pura**

UMinho | 2015

outubro de 2015



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Joana Pereira Dias

**As relações amorosas entre praticantes
de BDSM à luz do ideal de relação pura**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Sociologia
Área de Especialização em Organizações e Trabalho

Trabalho efetuado sob a orientação da
Doutora Ana Maria Brandão

outubro de 2015

Declaração

Nome: Joana Pereira Dias

Endereço eletrónico: joanapdias18@hotmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 14015723

Título da Dissertação: As Relações Amorosas Entre Praticantes de BDSM à Luz do Ideal de Relação Pura

Orientador: Doutora Ana Maria Brandão

Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado: Mestrado em Sociologia com especialização em Organizações e Trabalho

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO,
APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO
ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Este trabalho é o resultado não só de meu próprio trabalho, mas também do apoio, do incentivo e da presença de algumas pessoas que me acompanharam ao longo desta “grande jornada”.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora Doutora Ana Maria Brandão pela professora que é. Com ela aprendi bastante, consolidei conhecimentos, errei e aprendi com os meus erros. Obrigada por ter aceito ser minha orientadora, por sempre me fazer sair das reuniões confiante de que conseguia fazer melhor e, acima de tudo, obrigada pela compreensão e pelo apoio que demonstrou quando eu realmente precisei.

Agradeço, com especial carinho, à minha mãe e ao meu irmão, os grandes pilares da minha vida e que nunca me falharam.

Aos meus amigos que seguiram as dificuldades que encontrei ao longo deste trabalho, que ouviram as minhas frustrações e que sempre fizeram questão de me manter motivada. Impõe-se um forte agradecimento ao Guedes, pela companhia durante a execução de grande parte desta tese, e à Sílvia, pela motivação, pelo carinho e pelo companheirismo.

Quero, ainda, deixar a minha gratidão a todos os entrevistados pela disponibilidade prestada e por terem partilhado comigo um pouco da sua intimidade.

Por fim, dedico este trabalho ao meu pai que, infelizmente, não acompanhou este percurso até ao fim. Mesmo que fisicamente tenhas deixado de me acompanhar, acredito que te deixo orgulhoso por ter conseguido terminar mais uma fase importante da minha vida.

As relações amorosas entre praticantes de BDSM à luz do ideal de relação pura

Resumo:

As práticas B.D.S.M. (Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo) definem-se como “jogos de poder” entre um submisso e um dominador. As Ciências Sociais encaram-nas como um fenómeno social e os seus praticantes como envolvidos numa “cena”, importando nela a fantasia e o uso do corpo enquanto fonte principal de prazer.

Neste meio, a existência de relações amorosas entre praticantes é um tema polémico. A incorporação das práticas BDSM numa relação amorosa, ou o estabelecimento duma relação destas com a vertente BDSM, é discutido como algo de difícil alcance para uns e, para outros, como perfeitamente concretizável. No nosso estudo, pretendeu-se perceber como acontecem e como se estabelecem as relações amorosas entre praticantes. A par disso, pretendeu-se perceber em que medida estas relações se aproximam do ideal de relação pura de Giddens (1992).

A metodologia adotada foi de carácter qualitativo, assente no estudo de casos e na observação direta de um fórum da comunidade BDSM portuguesa, assim como na realização de entrevistas semidirectivas a um conjunto de nove indivíduos praticantes de BDSM e a viverem uma relação amorosa com alguém também praticante. O tratamento dos dados recolhidos foi desenvolvido a partir de uma análise de conteúdo temática. Os temas de análise corresponderam à história pessoal enquanto praticantes, à vivência de relações amorosas entre praticantes e a exploração das dimensões principais da relação pura: intimidade, igualdade, satisfação e autonomia/autodeterminação. Entendeu-se esta metodologia como a mais adequada aos objetivos da investigação, na medida em que estes pretenderam atingir o conhecimento dos modos de relacionamento destes casais, especificamente aqueles que envolvem uma ligação amorosa, os seus significados e valores, bem como as suas particularidades.

Os principais dados obtidos mostram que estas relações acontecem e desenvolvem-se segundo moldes que não são meramente específicos a estas relações. Contudo, a estrutura que as sustenta, assente numa dinâmica de dominação/submissão entre os envolvidos, determina o rumo da relação e da vida diária dos elementos do

casal. Muitas vezes, essa dinâmica e os rituais que compõem as práticas BDSM são usados como meio de resolução de problemas e de reaproximação.

As principais conclusões apontam que as relações amorosas mantidas entre praticantes refletem muitas das dimensões da relação pura. Com maior ênfase, a dimensão referente à intimidade é aquela que mais foi exposta nos dados, com incidência nos parâmetros correspondentes à comunicação aberta e continuada, à confiança nos parceiros e ao empenho e dedicação à relação em si e ao parceiro.

Palavras-chave: relações amorosas, BDSM, dominação/submissão, relação pura.

Romantic relationships between BDSM practitioners in the light of the ideal of pure relationship

Abstract:

B.D.S.M. (Bondage, Discipline, Sadism and Masochism) practices are defined as role playing games between a submissive and a dominant individual. Social Sciences recognize them as social phenomena, and to its practitioners as involved in a play in which only fantasy and the use of the body as primary source of pleasure matter.

In this subject, the existence of a romantic relationship between participants is a controversial topic. Incorporation of BDSM practices in a relationship or even establishing an amorous relation with a BDSM approach it's discussed as something of difficult understanding for some, and as something completely acceptable for others. Our study aimed at comprehending how romantic relationships develop and are built between BDSM enthusiasts. Also, we intended to understand how close this rapport stands to the Giddens (1992) ideal of a pure relationship.

We adopted a qualitative methodology based on study cases, direct observation of a Portuguese BDSM community forum, and also on semi-direct interviews to a set of 9 individuals currently living in a romantic BDSM relationship. The data processing was taken under a thematic content analysis. The topics regarded the personal history of the inquired as an enthusiast, in his experience on love affairs with other enthusiast and the exploitation of the pure relation main dimensions: intimacy, equality, satisfaction, and autonomy/self-determination. We agreed that this methodology was the appropriated one to address the goals of the investigation considering that the intended was to learn the way this kind of couples behave, their meanings and their values as well as their singularities.

The data has shown that these relationships arise and develop by standards not only singular to this kind of relationships. However, the structure holding them, based on a dynamic of domination/submission between the individuals implicated, determines the course of the relation and its daily affairs. Often, that same dynamic is used as a tool to resolve problems, and bring the couple together.

The main conclusions point that romantic relations held among enthusiastic reflect many of the dimensions of the pure relationship. With greater emphasis, the

dimension regarding the intimacy was the most exposed in our results, with major relevance for the parameters open and regular communication, trust in partners, and dedication to the relation, oneself and to the companion.

Keywords: romantic relations, BDSM, domination/submission, pure relation.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1. O estabelecimento de uma “sexualidade normativa”	7
1.1. A autonomização da sexualidade	7
1.2. O comportamento sexual “normal” e as “perversões”	9
1.3. A realização pessoal pelos afetos	12
Capítulo 2. As práticas BDSM	19
2.1. Processo de iniciação e envolvimento em práticas BDSM	23
2.2. Compreensão da experiência de práticas BDSM	24
2.3. O mundo BDSM: papéis, rituais e relações	29
Capítulo 3. As relações amorosas entre praticantes de BDSM: um estudo de casos	35
3.1. O Fórum BDSM Portugal	38
3.2. As entrevistas	40
Capítulo 4. Da entrada no mundo BDSM ao estabelecimento de uma relação amorosa	43
4.1. A prática do BDSM: iniciação, primeiras experiências e autoconhecimento	45
4.2. As relações amorosas entre praticantes de BDSM	50
4.3. As relações amorosas entre praticantes à luz do conceito de relação pura	64
Conclusão	71
Referências Bibliográficas	75
Anexos	
Guião de entrevista	82
Grelha de categorias de análise	84

Introdução

O estudo das práticas de B.D.S.M. (Bondage, Dominação, Sadismo e Masoquismo) seguiu, durante muito tempo, os parâmetros médico-psiquiátricos. Estes fundamentavam-se em abordagens desenvolvidas desde o século XVIII que as associavam a comportamentos criminosos, a “perversões sexuais” ou a doenças mentais. Deste modo, o BDSM tem sido alvo, ao longo dos tempos, de uma visão pejorativa e preconceituosa. Contudo, outras visões científicas, como as da sociologia, têm vindo a mostrar que estas práticas são um fenómeno social complexo. Estudos recentes sobre esta temática procuram compreendê-la a partir do testemunho daqueles que nelas participam de forma consensual, recorrendo a métodos diferentes e a abordagens do fenómeno “de dentro para fora”. Estas abordagens definem o BDSM como “jogos de poder” consensuais que comportam uma diversidade de preferências que não se esgotam no sadismo e no masoquismo.

Embora se tenha vindo a verificar progressos no entendimento das práticas BDSM, na medida em que a abordagem segundo a ótica de “doença” começa a ser substituída por abordagens ideologicamente mais neutras, ainda há certos fenómenos que carecem de compreensão. Ao nível nacional, podemos encontrar um número ainda reduzido de investigações, essencialmente focados na caracterização e compreensão destas práticas, apesar de este fenómeno ter vindo a adquirir adeptos um pouco por todo o país. Tal é visível pelo número considerável de eventos temáticos, essencialmente ocorridos na capital, assim como pela existência de uma comunidade portuguesa de BDSM que se reúne em fóruns e redes sociais dedicadas.

Ao contrário do que, por vezes, se pensa, a prática de BDSM não impossibilita o desenvolvimento de relações afetivas e amorosas entre praticantes. As relações amorosas neste meio são, todavia, um tema sobre o qual as opiniões dos praticantes divergem consideravelmente. As divergências acerca da (im)possibilidade de dois praticantes manterem uma relação amorosa prende-se com a essência básica do BDSM: haver uma pessoa que domina, em aspetos psicológicos e/ou físicos, e outra pessoa que obedece. Ser-se dominador, assim como ser-se submisso, implica um saber-fazer e um saber-ser, havendo um certo protocolo para cada um dos papéis. A divergência instala-se porque uns entendem que o BDSM impossibilita a vivência de uma relação amorosa com outro praticante (ou a vivência de uma relação amorosa impossibilita a prática

plena do BDSM com o parceiro da relação), ao passo que outros entendem que a vivência do BDSM em relações amorosas entre praticantes é plenamente concretizável.

Partindo desta constatação, procurou-se saber como é que acontecem as relações amorosas entre praticantes de BDSM e como é este incorporado na relação. Recorremos, primordialmente, à teoria de Anthony Giddens sobre as transformações da intimidade na modernidade tardia, segundo a qual as relações e a intimidade dos indivíduos sofreram alterações que levaram ao surgimento de relacionamentos que tendem a aproximar-se do ideal de “relação pura”. O sociólogo sugere que estas novas relações tendem a estar cada vez mais desprovidas do propósito da reprodução e mais ligadas a uma sexualidade plástica, prevalecendo uma maior intimidade e uma forma de amor que designa de “confluyente”. Foi neste contexto que se procurou ver em que medida se poderiam inserir as relações entre praticantes de BDSM. Giddens também lança essa mesma ideia, que se pretendeu analisar na presente investigação. Foi, portanto, objetivo desta investigação, primeiro, perceber como acontecem as relações amorosas entre praticantes de BDSM e como são integradas as práticas BDSM na relação e, segundo, em que medida estas relações se aproximam do ideal de “relação pura”. Os resultados da investigação são apresentados neste relatório, que é constituído por quatro capítulos.

No Capítulo 1, apresenta-se uma breve síntese da história das sexualidades nas sociedades ocidentais, mostrando o modo como a sexualidade se constitui enquanto domínio específico da vida e classificador das identidades dos atores sociais. Apresenta-se o que define as sexualidades “normativa” e “não normativa”, as transformações que ocorreram nessas definições e os fatores envolvidos nessas transformações. Neste contexto, desenvolveu-se uma análise, a partir de outros trabalhos científicos, sobre as práticas de BDSM, focando aspetos que dizem respeito à forma como foram entendidas ao longo do tempo, em que consistem e como se caracterizam.

No Capítulo 2, apresenta-se algumas conclusões relevantes acerca do estudo da temática do BDSM retiradas de estudos relevantes ao nível nacional e estrangeiro. Aqui, são focados aspetos como o entendimento do BDSM aos olhos de quem o pratica, quem é que se envolve nestas práticas, bem como o processo de envolvimento nas mesmas e as motivações e relações que se estabelecem com outros membros e com a sociedade.

O Capítulo 3 dá conta do processo de investigação do estudo. Aqui são apresentados a metodologia, o método e as técnicas que geraram os resultados da investigação. Pretendeu-se traçar uma compreensão do fenómeno que alcançasse os

modos de comportamento, os valores e os significados destes casais. Deste modo, servimo-nos de uma metodologia qualitativa, que permite desenvolver investigações que privilegiam o significado do fenómeno e não a sua quantificação e frequência. Uma vez que pretendíamos chegar a resultados que revelassem os significados e os valores associados às práticas dos indivíduos, de modo a traçar uma interpretação da realidade em estudo, optámos por uma metodologia qualitativa.

O estudo realizou-se segundo os pressupostos de um estudo de casos de carácter exploratório, uma vez que este é um tema ainda pouco explorado. O estudo de casos é um método adequado para investigações que pretendem alcançar a compreensão de um fenómeno e representa uma análise intensiva ou uma descrição do mesmo. A este método são apontadas vantagens como a compreensão de uma realidade pouco explorada, servindo, assim, para o desenvolvimento de uma descrição e interpretação do fenómeno. Todavia, é um método que pode ser visto como pouco rigoroso e pouco fiável, na medida em que permite trabalhar com aspetos subjetivos da vida social dos atores e parte de um procedimento indutivo e não dedutivo de investigação. Porém, entendeu-se que seria o mais apropriado para atingir os objetivos propostos.

O objeto empírico do estudo foi composto por nove indivíduos praticantes de BDSM que se encontravam, no momento da investigação, numa relação amorosa com alguém também praticante. Na sua maioria, eram indivíduos residentes na zona de Lisboa e, em número consideravelmente menor, na zona do Porto. A recolha dos dados foi feita de dois modos complementares: a observação do *Fórum BDSM Portugal* e a realização de entrevistas semidiretivas. A opção por estas técnicas deveu-se ao facto de ambas permitirem maior proximidade da opinião e ideias dos participantes da investigação. Com a observação do fórum, pretendeu-se aceder a debates organizados sobre os diversos assuntos que interessam ao mundo BDSM, sobretudo os que incidissem sobre o tema das relações amorosas. Pretendia-se, assim, adquirir uma primeira elucidação sobre os diversos entendimentos da comunidade BDSM acerca das relações amorosas de forma a contribuir para a construção do guião de entrevista. A entrevista teve como finalidade objetivar e esclarecer os discursos presentes no fórum e desenvolver novas questões importantes para a investigação. Enquanto a observação do fórum seguiu os moldes de uma etnografia virtual, as entrevistas realizaram-se através de correio eletrónico.

A etnografia virtual oferecia algumas vantagens à investigação, nomeadamente a facilidade de acesso a um mundo que, além de ser de difícil acesso, era pouco

conhecido. Quanto às entrevistas *online*, embora não fizesse parte do plano inicial de pesquisa, acabou por ser a melhor solução perante as limitações no acesso direto aos participantes. Em particular, elas permitiram facilitar o desenvolvimento da sensação de conforto e à-vontade, dado não implicarem o eventual constrangimento de “obrigar” os entrevistados a falar de assuntos de foro íntimo face-a-face com um desconhecido (entenda-se, a investigadora). Além disso, também permitiu manter o anonimato dos envolvidos, fator esse que pareceu ser de grande valor para alguns.

Na verdade, esta foi uma população difícil de incentivar à colaboração, o que se tornou numa limitação à investigação, por desconfiança ou, simplesmente, por não haver um grande número de pessoas que preenchessem o critério principal de seleção (estar numa relação amorosa com outra pessoa também praticante). Deve, ainda, assinalar-se a desistência de alguns entrevistados ainda no decurso das entrevistas, o que teve um peso importante nos resultados obtidos, assim como o facto de não ter sido possível entrevistar ambos os elementos dos casais.

A análise das entrevistas, bem como dos conteúdos dos debates analisados no fórum, foi desenvolvida a partir de uma análise de conteúdo temática. No que se refere ao fórum, procurámos depoimentos onde estivesse explícito o tema das relações amorosas, fazendo, a partir daí, a sua análise segundo aspetos como a idealização de uma relação amorosa neste meio, a conjugação entre BDSM e amor, a interferência do sentimento amoroso no desempenho das práticas BDSM, os fatores considerados necessários nestas relações e possíveis diferenças em relação a relacionamentos sem a componente do BDSM. Por seu lado, as entrevistas permitiram identificar os seguintes temas de análise: caracterização da relação amorosa atual com a vertente BDSM, história pessoal enquanto praticantes, aspetos positivos e negativos destas relações. Ainda na análise das entrevistas, procurou-se explorar as dimensões que constituem o ideal de relação pura, como a intimidade, a igualdade, a satisfação e a autonomia/autodeterminação.

No Capítulo 4, apresentamos a análise dos resultados da investigação, divididos em três temas: a prática do BDSM, as relações amorosas entre praticantes e a conceção destas relações à luz do conceito de relação pura. Sobre o primeiro tema, foram alcançados resultados semelhantes a outros estudos. Não parece existir um padrão no que se refere à descoberta e ao envolvimento nas práticas BDSM. No que refere às relações amorosas, concluímos que são relações que diferem das demais aparentemente apenas no que toca à sua estrutura, ou seja, são relações amorosas nas quais os seus

envolvidos vivem uma relação explícita de dominação/submissão, pelo que o poder de um sobre o outro é aplicado segundo diferentes graus, de forma consensual, com mais ou menos extensão à individualidade da parte dominada. A análise destas relações a partir das principais dimensões da relação pura veio mostrar que os aspetos valorizados nestas relações espelham várias das suas dimensões, especialmente as ligadas à intimidade: comunicação aberta e continuada, confiança mútua e atenção reflexiva (preocupação e esforço dedicados à relação em si e ao parceiro). Contudo, a valorização da igualdade – outra das dimensões da relação pura – é aquela que se destaca pela negativa, mostrando-se totalmente refutada na análise dos dados.

A realização deste estudo permitiu desenvolver conhecimentos acerca da sexualidade segundo propósitos sociológicos, nomeadamente a compreensão do modo como determinados fatores sociais atuam em campos ligados à intimidade dos indivíduos. Desenvolvendo esta temática, foi possível obter uma compreensão mais realista do que são e em que consistem as práticas BDSM e, particularmente, sobre como acontecem e se mantêm relações amorosas entre praticantes. Deste último aspeto, sobressai a ideia de que são relações semelhantes a qualquer tipo de relação amorosa. Contudo, os ideais, os rituais e as regras que sustentam o BDSM parecem ser transpostos para a relação amorosa de modo não só a permitir a satisfação dos praticantes envolvidos, mas também a desenvolver estratégias de reaproximação entre o casal e como meios de resolução de problemas no seio do mesmo.

Capítulo 1. O estabelecimento de uma “sexualidade normativa”

Weeks (1995) sublinha o carácter social da sexualidade, referindo que a mesma não é mais do que uma invenção humana moldada por forças sociais. É certo que o fator biológico tem o seu peso, na medida em que a sexualidade dos indivíduos se inscreve nos corpos e estes oferecem condições e limites biológicos (idem, 1985: 81). Contudo, como aponta Weeks (1995: 24-25), os aspetos biológicos apenas ganham sentido nas relações sociais. A sexualidade humana surge, assim, como o produto da negociação entre os indivíduos e é o resultado de diversas práticas sociais que dão sentido às atividades dos atores sociais, às definições sociais e autodefinições, às lutas entre aqueles que têm o poder de definir e regular e os que resistem (idem: 82).

De forma a compreender o que hoje se entende como “sexualidade normativa”, é necessário perceber a história da sexualidade nas sociedades ocidentais. Isto leva a recuar ao século XVIII, período histórico que inaugura uma atenção pública ao domínio sexual segundo fundamentos que não os religiosos. Essa “atenção” e os discursos públicos daí decorrentes evoluíram a par das mudanças sociais, políticas e históricas que decorreram até à atualidade.

1.1. A autonomização da sexualidade

As práticas sadomasoquistas enquadram-se, hoje, naquilo que se designa de sexualidades “não normativas”, ou seja, são práticas sexuais que não se enquadram no padrão normativo de sexualidade. Compreender o que é, hoje, a sexualidade normativa e, por oposição, a não normativa, implica compreender a emergência da noção de “sexualidade”. Analisando a sua história, verifica-se que a intimidade sofreu alterações notáveis com importantes consequências, derivadas de determinadas mudanças de cariz político, social e económico que provocaram alterações na vida familiar, nas relações de género e na intimidade dos atores sociais (Foucault, 1994; Rahman e Jackson, 2010).

A submissão do sexo à regulação social desde sempre esteve presente em todas as sociedades, visto que na sua base se encontra a reprodução humana e esta assume um papel central no desenvolvimento das sociedades. Contudo, é somente a partir do século XVIII que a sexualidade se constitui, nas sociedades ocidentais, como um domínio específico da vida, alvo de estudo e intervenções de peritos (Foucault, 1994). A sexualidade humana autonomizou-se e a medicina assumiu centralidade nas definições e classificações da vida erótica e sexual (idem).

As definições e classificações do que era “normal” e “anormal” estavam, até então, sobre a alçada da religião. As classificações médicas surgem, segundo Foucault (idem), da necessidade de controlar a “qualidade” das populações, nomeadamente fenómenos específicos como a natalidade, a fecundidade, a duração de vida. No seio destas questões, está o sexo, portanto, estes discursos foram produzidos de forma a apoiar e reforçar os mecanismos de poder, incitando-se a que se falasse do sexo com o propósito de o analisar, classificar e especificar, de modo a dar uma base racional àquilo que até então se sustentava como sendo de foro moral. O que se verifica, segundo a ótica de Foucault (idem), é uma mudança na organização da vida dos indivíduos. Passou-se de uma organização essencialmente religiosa, que defendia uma moral de “decência” assente em ideais cristãos, para uma organização baseada em discursos médicos que distinguia os comportamentos “perversos” dos “normais”. O sexo foi transformado num “valor público” (idem: 30), alvo de análises que procuravam as suas determinações e efeitos nas populações. Esses discursos agiram não para descrever e explicar, mas para construir e controlar a sexualidade ao serviço de ideais capitalistas: constituição de uma “força de trabalho” que canalizasse as energias exclusivamente para o trabalho, “economizando” os prazeres; e a garantia da sua reprodução por meio da “fabricação regulada de filhos” (idem: 116).

Não foi por acaso que a sexologia se desenvolveu exatamente neste período (Weeks, 1985: 76). Os discursos que as ciências médicas, nomeadamente a sexologia, produziam tinham o poder de legitimar determinados comportamentos e condenar outros, estando, assim, fortemente implicados em relações de poder (idem: 79). Definindo e classificando os comportamentos sexuais, as agências qualificadas para tal, como a medicina, passaram a estabelecer o que é “normal” e o que se deve ser através de definições normativas que limitam e marcam o comportamento erótico (idem: 36). A sexualidade transformou-se num atributo individual, permitindo definir e categorizar os indivíduos segundo os seus comportamentos eróticos. A par disso, a sexualidade

figurou-se como um importante foco de regulação social (Foucault, 1994), estabelecendo uma nova distribuição de limites e fronteiras que conjuga os campos moral, médico e jurídico (Pereira, 2009: 381).

1.2. O comportamento sexual “normal” e as “perversões”

Os discursos médicos do século XVIII em torno da sexualidade culminaram numa definição médica do que seria a sexualidade “adequada” e, portanto, “normal” e vieram impor a crença num valor desigual dos comportamentos sexuais, colocando a reprodução no topo e defendendo que certas práticas sexuais seriam “naturalmente” melhores do que outras (Weeks, 1995: 82).

Um dos mais relevantes autores a lançar-se na compreensão médica da sexualidade foi Krafft-Ebing ([1886] 1997), que introduziu, nessa altura, a noção de “degenerescência sexual” (Brown, 2010: 17), sendo a partir desta que surge, pela primeira vez, a determinação médica do que seria o comportamento sexual “normal” ou “natural” e, face a este, a classificação de “perverso” dos restantes comportamentos sexuais. A obra de Krafft-Ebing, *Psychopathia Sexualis*, representa o primeiro levantamento de casos que apresentavam algum tipo de “perversão” sexual e foi a partir dela que certos comportamentos começaram a ser encarados como “transtornos médico-psiquiátricos” (Pereira, 2009: 380). Esta obra assumiu “um carácter exemplar da história da apropriação médica dos comportamentos sexuais desviados da norma vigente e tida como parâmetro autoevidente da normalidade” (idem: 381).

Uma sexualidade “normal”, segundo Krafft-Ebing, corresponderia àquela que teria como fim a reprodução humana. Krafft-Ebing entendia o corpo humano como constituído por diferentes órgãos, cada um com funções específicas. Deste modo, qualquer comportamento que não cumprisse a função “natural” de cada órgão, não seria “natural”, pelo que todas as formas de erotismo e de prazer que se mostrassem “não naturais” seriam classificadas como “perversões”.

Em *Psychopathia Sexualis*, Krafft-Ebing expõe uma série de casos que apresentam algum tipo de “perversão”. Entre eles, refere-se a comportamentos sexuais caracterizados pelo uso da “violência” física e psicológica, denominando-os de “masoquismo” e “sadismo” e introduzindo estes termos, pela primeira vez, na terminologia médica e psiquiátrica (Brown, 2010; Freitas, 2010; Pereira, 2009; Mota,

2011; Cutler, 2003; Brittes, s.d.; Freud, 1939). Krafft-Ebing atribuía a ambos a classificação de “perversão”, considerando tratar-se de práticas “não naturais” que se afastavam do padrão sexual “normal”. As práticas de sadismo e de masoquismo eram vistas como opostas – o papel “ativo” corresponderia ao do sádico (aquele que tem como desejo infligir dor a outrem) e o papel “passivo” ao masoquista (aquele que tem como desejo sofrer a dor e estar subjugado à força de outrem). Para Krafft-Ebing, o sadismo estaria associado à “natureza masculina”, devido ao papel agressivo ou ativo do homem, correspondendo a uma intensificação patológica do carácter masculino (Bullough, Dixon e Dixon, 1994: 47-48). Já o masoquismo estaria associado à mulher devido à sua “natureza” tímida e modesta, representando uma degeneração patológica das peculiaridades distintivas das mulheres (idem), referindo, ainda, ser provável que a natureza sádica do homem se desenvolvesse a partir dessas características “naturais” da mulher.

Numa linha de entendimento próxima, Freud (1936), psicanalista e crítico de Krafft-Ebing, veio revolucionar a compreensão em torno dos comportamentos sexuais (Muribeca, 2009: 117). Para Freud (1936), as “perversões” seriam uma transgressão, mas uma transgressão segundo a lei, na medida em que a procriação seria considerada como a única função do sexo e essa era a norma vigente nas sociedades. Freud (idem) considerava que todo o ser humano teria uma pré-disposição perversa, pelo que o que Krafft-Ebing entendia como um distúrbio ou uma “perversão”, Freud via esses comportamentos como transgressões, mas somente pelo facto de irem contra a “normalidade” sexual estabelecida. No seu entendimento, as “perversões” eram transgressões do padrão normativo de sexualidade.

No que refere às práticas de sadomasoquismo, Freud (1936) admitia que o masoquismo seria a continuação do sadismo, podendo ambos ocorrer numa mesma pessoa. No seu entender, estas duas práticas seriam partes constituintes da vida sexual, em geral, visto envolverem a atividade e a passividade de uma relação sexual “normal”, na qual se une o papel ativo do homem e o papel passivo da mulher. Para Freud (1936), portanto, a “sexualidade normal” seria aquela em que se dá a união das partes genitais masculina e feminina, e as “perversões” seriam atividades sexuais que se afastavam, em termos anatómicos, das partes “apropriadas” para a união sexual, ou que se dirigiam a um objeto sexual “impróprio”, ou seja, para Freud (idem), o comportamento sexual “normal” seria o coito vaginal heterossexual. As “perversões” representavam, então, um desvio do padrão “normal”.

Na sua teoria sobre a “dominação masculina”, Bourdieu (2002) explica essa associação entre género, “atividade” e “passividade”. Bourdieu (idem: 7) entende que a sexualidade é definida a partir de uma “topologia sexual do corpo socializado”, pretendendo dizer que o corpo humano e os seus movimentos estão carregados de significações sociais. Como exemplo, o autor refere a associação do movimento ascendente com o género masculino, associado à ereção e à posição superior do homem no ato sexual (idem). Para Bourdieu (idem: 9), o funcionamento da sociedade está muito ligado a aspetos simbólicos e “a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça”. Neste sentido, é o mundo social que torna o corpo numa realidade sexuada que detém em si determinadas divisões sexuais (idem). Bourdieu (idem: 13) refere, assim, que “o ato sexual é pensado em função do princípio do primado da masculinidade”, pelo que a posição sexual entendida como “normal” será a posição em que o homem “fica por cima” (idem: 10). Em suma, Bourdieu (idem: 14) entende que o próprio ato sexual estabelece uma relação de dominação, em que “possuir sexualmente” alguém é, em sim, uma forma de dominação simbólica, no sentido de “submeter ao seu poder” o outro. Esta lógica da relação sexual enquanto forma de “relação social de dominação” é estabelecida pelo poder simbólico presente na ordem social de que fala o autor. Bourdieu (idem: 15) explica que isso acontece porque uma relação sexual é “construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo”.

Estas visões, protagonizadas por Freud e Krafft-Ebing, contribuíram para uma visão pejorativa do sadismo e do masoquismo. Foi Ellis (Mota, 2011; Brown, 2010; Rahman e Jackson, 2010), no século XIX, a protagonizar uma mudança radical no entendimento destas práticas. Ellis admitia que o recurso à dor podia ser um meio de obtenção de prazer, não devendo, assim, ser entendido como uma “perversão”, mas como uma forma de amor, um complemento emocional associado ao prazer sexual num determinado contexto erótico. Veio, desta forma, sublinhar o carácter subjetivo das experiências eróticas (Brown, 2010: 19; Bullought, Dixon e Dixon, 1994: 48). Ellis defendia não haver uma clara distinção entre o sadismo e o masoquismo, entendendo ambos como “estados emocionais complementares” (Brown, 2010: 19). O autor entendia estas práticas enquanto centradas na obtenção de “dor física” associada ao prazer sexual, sendo aceite pelos envolvidos como forma de amor e não como crueldade (idem).

O facto de não haver uma diferenciação clara na terminologia destes autores entre práticas sádicas consentidas, nas quais se encontra envolvido o prazer sexual e o amor (conforme expôs Ellis), e o sadismo não consentido baseado na crueldade (segundo Krafft-Ebing) leva a que o uso do termo “sadismo” adquira uma conotação ambígua.

No século XX, o estudo da sexualidade expandiu-se para outras ciências, não se cingindo unicamente às ciências médicas. Baumeister (1988), professor de sociologia, introduziu uma nova visão das práticas sadomasoquistas ao defender que os seus praticantes recorriam às mesmas como forma de “escaparem temporariamente ao seu self”. Também o antropólogo Gebhard (1969, *cit. in* Mota, 2011: 14) veio sublinhar o carácter social destas práticas ao defender que a explicação das mesmas está na “organização social das relações de dominância/submissão estabelecidas”. É neste contexto que este tipo de práticas começa a ser definido sob uma perspetiva diferente da patológica, nomeadamente mais como um fenómeno social do que como uma “doença”, uma vez que implicam a interação de indivíduos envolvidos numa subcultura própria (Bullough, Dixon e Dixon, 1994: 49).

O corte com a perspetiva patologizante acontece, então, quando o foco da análise passa a ser mais a organização social que envolve estas práticas do que o seu aspeto individual (Weinberg, 1987: 51), assumindo-se o sadomasoquismo como um processo social que envolve um conjunto de práticas sociais que sustentam um conjunto particular de fantasias e comportamentos eróticos (Bullough, Dixon e Dixon, 1994: 49).

1.3. A realização pessoal pelos afetos

Se, para Foucault (1994), a explosão discursiva em torno da sexualidade está relacionada com mecanismos de poder que a transformaram numa alavanca para o alcance de ideais capitalistas, para Giddens (1992: 11), este desenvolvimento coloca em evidência determinadas mudanças culturais e históricas específicas ocorridas nas sociedades ocidentais, que fizeram da sexualidade um “elemento maleável do self”. No entender deste sociólogo, a sexualidade é uma invenção do século XIX, que nasceu como “uma progressiva diferenciação entre o sexo e as exigências da reprodução”

(idem: 19). No entender de Giddens (1992), a sexualidade tornou-se um domínio autónomo da vida social, uma vez que a conceção pode ser, não só inibida, como produzida artificialmente. Deste modo, a sexualidade pôde “tornar-se uma qualidade dos indivíduos e das suas transações mútuas” (idem: 19).

Analisando a história da sexualidade, percebemos que a autonomização desta e a sua transformação num domínio específico da vida a transformou num aspeto central da identidade dos atores sociais. É especialmente na modernidade tardia que a sexualidade se vem mostrar como uma forma de expressão e de realização pessoais (Giddens, 1992).

Apoiado pela teoria de Foucault (1994), Giddens (1992) desenvolve a sua teoria sobre as transformações da intimidade com alguns ajustes. Para Foucault (1994), essas transformações estão implicadas nos discursos e esses tornam-se constitutivos das realidades sociais que retratam. Giddens (1992: 20) apoia esta tese, concordando que a existência de uma nova terminologia desenvolvida no sentido de compreender a sexualidade humana faz com que os conceitos, as ideias e as teorias que se expressam em torno do tema penetrem, conseqüentemente, na vida social e a reordenem segundo esses discursos. Para Foucault (1994), esse processo é desencadeado a partir de um “poder do conhecimento” que penetra a organização social. Por seu lado, Giddens (1992) não vê este processo exatamente dessa forma. No seu entender, há, de facto, uma conexão entre esse processo e o poder, mas entende-o como uma “reflexividade social” que está em constante movimento. Giddens (idem: 20) explica este processo de “reflexividade social”, argumentando que ele “é reflexivo no sentido em que esses termos, introduzidos para descrever a vida social, entraram na rotina e a transformaram – não como um processo mecânico e não necessariamente de forma controlada, mas por se terem tornado parte dos padrões de ação adotados pelos indivíduos e pelos grupos”. Difere, assim, de Foucault que via o fenómeno como uma “intrusão fixa e unidimensional” do poder (Giddens, 1992: 20).

Para Giddens (idem), a centralidade atual da sexualidade deve-se, essencialmente, ao surgimento e à propagação dos ideais de amor romântico. Com a difusão desses ideais, inicialmente sob a influência da burguesia, começou-se a conferir uma significação especial aos laços conjugais, com conseqüentes implicações na sexualidade. O valor económico atribuído a uma família numerosa, na medida em que teria mais pessoas a trabalhar para o seu sustento, foi substituído pela noção de família como “empreendimento emocional conjunto” (idem: 19). Foi este desenvolvimento que levou a separar o sexo da reprodução e a transformar a sexualidade em algo “maleável”,

“uma potencial ‘propriedade’ do indivíduo” (idem). Deste modo, a sexualidade, desligada dos princípios da reprodução, passou a ligar-se à intimidade e tornou-se, assim, numa dimensão central da expressão e da realização pessoais (idem: 20).

A separação entre sexualidade e reprodução de que fala Giddens (idem) levou ao desenvolvimento do que ele define como “sexualidade plástica”, uma sexualidade que, desprovida dos princípios da reprodução, se baseia unicamente na obtenção de prazer. Progressivamente, as relações entre os indivíduos, libertadas da reprodução, foram-se tornando mais “maleáveis”, não se procurando “uma pessoa especial”, mas uma “relação especial”. Os envolvidos sabem de antemão que esta poderá ser desfeita assim que uma das partes envolvidas não esteja satisfeita (idem). Ligada a esta nova conceção da sexualidade, surge a “relação pura”, que vem marcar uma mudança radical nos moldes tradicionais de relacionamento. A “relação pura” é uma relação assente num compromisso que apenas se mantém enquanto houver satisfação mútua e vontade de a manter, caracterizando-se pela confiança e pela intimidade. Está relacionada com a exploração do prazer sexual e requer que a intimidade se mantenha com base na igualdade dos envolvidos, contribuindo os parceiros de igual forma para o relacionamento.

Giddens nota que “o termo ‘relação’, com o significado de um laço emocional contínuo com outrem, só recentemente entrou no uso corrente” (idem: 39). Esse laço emocional, ou o amor, “costumava estar ligado à sexualidade, para a maior parte da população sexualmente ‘normal’, através do casamento” (idem). Todavia, nos dias atuais, as pessoas estão cada vez mais ligadas através do que o autor chama relação pura. Na pré-modernidade, o casamento era negociado e baseado em critérios económicos e não na atração sexual mútua ou no amor, que é o que, na atualidade, se verifica. O autor sublinha que a expressão “relação pura” não tem qualquer ligação com a pureza sexual, sendo “um conceito que limita mais do que descreve” (idem: 39). Giddens esclarece que o termo “refere-se a uma situação em que uma relação social foi assumida em si mesma, naquilo que pode resultar para uma pessoa da relação com outra e que dura apenas enquanto for considerada por ambas as partes uma fonte de satisfação” (idem). Romper com um casamento era quase impensável há uns anos atrás, mas é, na atualidade, algo bastante banal. Independentemente da duração da relação, não se estando satisfeito com a mesma, a separação acontece e é relativamente fácil os indivíduos envolverem-se numa nova relação.

Embora a “relação pura” surja a partir da propagação dos ideais de amor romântico, as relações da modernidade tendem a refletir o que o autor chama de “amor confluyente”. Giddens caracteriza o amor confluyente como “ativo” e “contingente”, características que chocam com as qualidades do amor romântico “para sempre” e “único e exclusivo” (idem: 42). Enquanto o amor romântico “é completamente assimétrico em termos de poder”, o amor confluyente “presume igualdade na dádiva e na contradádiva emocional”, pelo que, quanto mais uma relação se basear nestes princípios, mais próxima estará do protótipo de relação pura (idem).

Giddens nota que, para o amor romântico, a satisfação sexual e a felicidade do casal são aspetos “supostamente garantidos pela própria força erótica que o amor provoca” (idem). Para o amor confluyente, esses aspetos são introduzidos no interior da relação conjugal e o prazer sexual recíproco é o “elemento-chave para a continuidade ou dissolução da ligação” (idem). Assim, numa relação pura, o amor é desenvolvido com base na intimidade do casal, “na medida em que cada parceiro estiver preparado para revelar ao outro preocupações e necessidades e para lhe ser vulnerável” (idem).

Outro aspeto importante de diferenciação é o facto de o amor confluyente não apresentar uma “conexão específica com a heterossexualidade” (idem: 43). Giddens entende que o amor confluyente “pressupõe um modelo de relação pura onde é fundamental conhecer as características do outro”, sendo, assim, “uma forma de amor em que a sexualidade de um indivíduo não tem de ser negociada como parte da relação” (idem). O amor confluyente representa um ideal com base na possibilidade de todos os indivíduos poderem sentir-se realizados sexualmente com o pressuposto do “desaparecimento da divisão entre mulher ‘respeitável’ e aquelas que de algum modo estão fora do âmbito da vida social ortodoxa” (idem: 42).

A relação pura define-se, portanto, como uma relação baseada numa sexualidade plástica, assente na satisfação mútua, na intimidade, na igualdade entre os parceiros, no amor confluyente e numa certa independência individual. Giddens reforça que o estabelecimento de limites claros dentro da relação é importante não só para que os envolvidos sejam independentes um do outro, como para a prevalência do amor confluyente e para a preservação da intimidade do casal (idem). A intimidade “não consiste em ser absorvido pelo outro, mas em conhecer as características dele ou dela e tornar as próprias disponíveis” (idem). Aqui se encontra implícito um “abrir-se ao outro” que, como afirma o autor, é algo que “requer paradoxalmente limites pessoais”. Como este “abrir-se ao outro” representa um “fenómeno de comunicação”, requer

“sensibilidade e tato”, sabendo-se que há e deve haver pensamentos privados (idem). Deste modo, Giddens afirma que “o equilíbrio da abertura, da vulnerabilidade e da confiança desenvolvidos numa relação decide se os laços pessoais se tornam ou não barreiras que obstruem mais do que encorajam essa comunicação” (idem: 42).

Numa relação pura, a intimidade assume primazia. Giddens afirma que a intimidade é “antes de tudo uma questão de comunicação emocional”, não só com os outros, mas também com o próprio, pressupondo-se a existência de igualdade interpessoal (idem: 90). A intimidade implica que os parceiros se revelem ao outro tanto ao nível das emoções, como das ações (idem: 96), o que acabará por desenvolver uma relação de confiança entre ambos, um outro aspeto característico da relação pura. Numa relação pura, não há suportes exteriores para a confiança, que apenas pode ser construída pelos envolvidos com base na intimidade (idem).

Ligada ao aspeto da confiança, Giddens (idem: 95) fala de uma “contradição estrutural na relação pura” que se centra no compromisso. Para que este seja estimulado e seja possível desenvolver-se uma história partilhada, deve haver entrega de parte a parte. Contudo, o autor elucida-nos que uma relação, nos dias atuais, já não é uma “condição natural” como o casamento foi, pelo que a sua durabilidade não é um dado adquirido. Assim, a confiança numa relação pode cair num paradoxo (idem: 95): a confiança que o ideal de relação pura pressupõe não tem bases tácitas para o sustentar, pois são relações que não têm uma durabilidade fixa e segura. Ela pode ser trabalhada por meio da intimidade entre o casal, o que pressupõe o desenvolvimento de uma comunicação emocional que implica “abrir-se ao outro”. A comunicação é, talvez, o fator primordial da relação pura, pois será ela a ligar todas as dimensões constituintes desse ideal. Assim, a intimidade, desenvolvida por meio da comunicação, implica conhecer as características do parceiro e ser capaz de expor as próprias. Isto requer alguns limites pessoais, na medida em que os envolvidos possam ser independentes um do outro, que a intimidade seja preservada e que prevaleça um amor confluyente.

Neste aspeto referente à confiança, podemos conferir a enorme mudança nas relações de intimidade que Giddens procurou trabalhar. Desconstruindo a teoria de Giddens (idem), Soller (2010: 12) refere que as transformações na vida pessoal dos indivíduos correspondem a uma “destraditionalização” da mesma, implicando que as pessoas sejam capazes de agir de forma reflexiva e autónoma, quer na construção das suas identidades, quer dos seus corpos e dos seus estilos de vida, a par das suas posições

específicas, dos seus recursos e das suas oportunidades, das suas histórias e dos seus futuros previstos num “projeto reflexivo do Eu”.

Assim, o paradoxo da confiança nas relações puras remete-nos para a ideia de que este é um ideal que, na sua forma plena, implica uma correlação positiva entre as dimensões da intimidade, da igualdade, da satisfação, da autonomia e da autodeterminação (Soller, 2010).

Segundo Langdrige e Butt (2004: 33), ao referir o desenvolvimento da “relação pura”, Giddens não pretende propor que essa é uma norma na vida íntima de todas as pessoas nas sociedades modernas. O que propõe é que tal tipo de relação acontece mais facilmente em relações “novas”, que se construíram e definiram fora dos moldes tradicionais. Giddens (1992: 10) menciona o exemplo das relações entre pessoas do mesmo sexo, argumentando que estas tiveram de se organizar fora dos padrões estabelecidos (entenda-se, o casamento heterossexual), prevalecendo nelas uma relativa igualdade entre os parceiros. Giddens (*apud* Langdrige e Butt, 2004: 33) argumenta que essas relações evitam muitas das desigualdades de poder entre os géneros, o que mais dificilmente acontece em relacionamentos heterossexuais.

O ideal de relação pura mostra-se em concordância com o desenvolvimento do “projeto reflexivo do *self*” (Giddens, 1992: 97). Como afirma Giddens (*idem*), “em determinadas condições, a relação pura pode criar um ambiente social que facilite o projeto reflexivo do *self*”. Nos dias de hoje, o estabelecimento de limites e a definição do espaço pessoal de cada um numa relação são aspetos necessários para que a mesma prospere (*idem*). Ao mesmo tempo, esses dois aspetos são partes constituintes do “projeto reflexivo do *self*”. Jamieson (1999: 478) nota que, perante as condições sociais que começam a surgir entre meados do século XVIII e o século XX, as relações pessoais mostraram ser a chave para que os indivíduos encontrassem as suas próprias formas de construção moral e de exploração do Eu. Por outras palavras, a vida pessoal tornou-se, como nunca, mais íntima, mais individualizada e mais personalizada. Também Bozon (2005: 151) vai de encontro a esta ideia, notando que as mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XX “apresentam-se menos como uma ‘revolução sexual’ do que como uma individualização dos comportamentos e dos ideais, paralelamente a outras evoluções da sociedade e da família”. Bozon (2005: 43) entende que a sexualidade veio constituir-se como uma “experiência pessoal, fundamental para a construção do sujeito”, desenvolvendo-se, assim, as esferas da intimidade e dos afetos como nunca antes havia acontecido.

Neste seguimento, Langdrige e Butt (2004) sugerem que as relações sadomasoquistas poderão também representar um outro protótipo da “relação pura”, na medida em que se baseiam na igualdade entre os parceiros e enfatizam a segurança e a negociação. Até mesmo as dimensões de dominação que sustentam estas relações e que poderiam, aparentemente, representar uma anulação do ideal de “relação pura” são questionadas por Giddens (1992). Este propõe uma interpretação diferente, referindo que “confinada à esfera da sexualidade e transformada em fantasia – mais do que, como sempre aconteceu, determinada pelo exterior –, a dominação ajuda porventura a neutralizar a agressividade que, de outra forma, se faria sentir” (idem: 99).

Será, de facto, assim? Até que ponto as questões da dominação se cingem unicamente à prática sexual, neutralizando, por meio desta, todas as tensões que podem envolver um relacionamento e, como tal, manifestam, efetivamente, o ideal de “relação pura”? Não será esta conceção apenas uma idealização que, na prática, não se verifica?

Capítulo 2. As práticas BDSM

B.D.S.M. (Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo) é o acrónimo que dá conta das práticas sexuais que englobam o sadismo, o masoquismo e o fetichismo (este último, incluindo o *bondage* e a dominação). A utilização do acrónimo é considerada, por vários investigadores, como mais correta e coerente do que a utilização mais simplista do termo “sadomasoquismo”, uma vez que este tipo de práticas concentra uma enorme variedade de preferências: imobilização física e/ou representações de dinâmica de poder (*bondage* e disciplina); dominação e submissão, correspondendo a uma “variedade de comportamentos sexuais que envolvem troca de poder consensual entre parceiros podendo ou não incluir outro tipo de atividades” (Mota, 2011: 1); sadismo (infligir dor a outrem); e masoquismo (receber dor de outrem) (idem). Estas práticas envolvem dominação física e/ou psicológica, assente em jogos de papéis, no controlo da respiração, no derrame de cera no corpo, no *trampling* (pisar o parceiro), na feminização (homem que gosta de vestir roupa feminina e ser tratado como uma mulher), na aplicação seletiva de dor, nas práticas com molas ou agulhas, na electroestimulação, na flagelação, no *bondage*, no *spanking* (“bater” no parceiro), entre outras. No BDSM, portanto, é o corpo, mais do que os genitais, o centro ampliado do prazer. Caracteriza-se pela estimulação do corpo com objetos, encenações e acessórios.

O acrónimo BDSM é relativamente recente. Contudo, as práticas que o constituem não têm um registo preciso do seu surgimento. O que podemos referir é que estas práticas têm os seus mentores na literatura libertina da França dos séculos XVIII e XIX (Brown, 2010). Os mais relevantes ícones literários associados a estas práticas são o Marquês de Sade, que escreveu obras com referência a práticas sádicas, e Sacher-Masoch, que escreveu sobre práticas masoquistas.

As Ciências Sociais iniciaram as suas pesquisas sobre esta temática na década de 1970 (idem; Mota, 2011; Weinberg, 2006). Embora se diferenciem pelo tipo de problemas tratados, pelas amostras estudadas, pelas teorias, têm em comum o facto de reconhecer estas práticas como dependentes de significados culturalmente produzidos, apreendidos e reforçados pela participação numa subcultura (Weinberg, 1987: 51), reconhecendo a distinção entre as práticas sadomasoquistas consentidas, igualitárias e baseadas na confiança mútua daquelas que não são consentidas, havendo violência abusiva (Langdridge e Butt, 2004: 35).

No caso particular da Sociologia, os estudos realizados focam-se, essencialmente, na caracterização destas práticas, nos seus significados e nas motivações e características dos seus praticantes (Melo, 2010; Freitas, 2010; Taylor e Ussher, 2001; Mota, 2011). Esses estudos mostram que os praticantes de BDSM são indivíduos com idades compreendidas entre os 28 e os 45 anos (sendo as mulheres, na sua maioria, mais jovens do que os homens), maioritariamente heterossexuais e com um nível socioeconómico médio/alto e um nível de escolaridade superior. Definem-se como indivíduos que assumem retirar prazer da dor em determinados contextos sexuais de dominação ou submissão, tendo também preocupação com o prazer do companheiro e diferenciando-se, assim, do “mundo baunilha”¹ pelas suas características específicas, que proporcionam, no entender de quem é adepto destas práticas, um prazer “ilimitado” e “mais emotivo” (Mota, 2011). Os seus praticantes retratam o BDSM como “uma profunda e significativa experiência psicológica e emocional, ou mesmo espiritual” (Zilli, 2008: 8).

As abordagens sociológicas desenvolvidas até ao momento explicam as práticas de BDSM com base na sua organização social, enquanto práticas que refletem a nossa própria cultura num contexto em que tudo é “encenado” e tem em vista o prazer que os envolvidos tiram dessas encenações (Weinberg, 1987: 51). Desde modo, o sadomasoquismo pode representar uma subcultura, uma vez que necessita de algum grau de organização social para que aconteça (idem, s.d.: 285). Enquanto subcultura, os seus participantes desenvolvem técnicas específicas e ideologias, motivos e atitudes que servem para normalizar as suas necessidades e comportamentos (idem: 287). Enquanto fenómeno social, o sadomasoquismo é entendido como “erótico, consensual e recreativo”, envolve fantasias, requer a colaboração dos envolvidos para se atingir a satisfação de ambos e, ainda, uma definição mútua da situação (idem: 58). É, portanto, um comportamento social que envolve dominação e submissão, jogos de papéis, consensualidade, um contexto sexual e uma definição mútua (idem: 56).

Outras dimensões deste fenómeno têm vindo a ser estudadas não só pela Sociologia, mas também por outras Ciências Sociais, como a Antropologia. São exploradas as questões do consentimento e da legitimidade (Zilli, 2008; Fulkerson,

¹ Os adeptos de práticas BDSM designam por “mundo baunilha” todo o grosso da população que, não sendo adepto destas práticas, pratica o sexo “convencional”. O termo original “vanilla” surgiu nos EUA, sendo que o motivo desta denominação se deve ao facto de a baunilha ser o sabor mais comum e mais fácil de encontrar, tendo um gosto suave. E são exatamente estas as características que os adeptos de BDSM veem no sexo “convencional” (Brittes, s.d.).

2010), a análise de casais envolvidos nestas práticas, cujas relações são pautadas pela comunicação mútua e por regras mutuamente acordadas e que se mostram como relações romantizadas com características comuns às dos relacionamentos convencionais, existindo um contínuo com as relações normativas (Cutler, 2003; Mota, 2011).

O estigma social a que se encontram expostos os seus praticantes é outro aspeto trabalhado (Brown, 2010; Mota, 2011). Os praticantes sadomasoquistas experimentam o estigma de forma semelhante a outros grupos estigmatizados pela sociedade, adotando uma atitude ativa perante esse estigma ao interiorizarem determinadas estratégias que acabam por fortalecer uma identidade bastante própria (Brown, 2010). Por exemplo, a denominação “baunilha”, que atribuem à população dominante, e a utilização da coleira também como forma de rejeitar as normas, são algumas das práticas a que recorrem para “atacar” o estigma a que estão expostos (Mota, 2011: 46-47). O facto de pertencerem a um grupo de pessoas que difere do comum e de, muitas vezes, ocultarem essa pertença com receio de desaprovação, é, para eles, um motivo de orgulho, acreditando que isso dá às suas atividades mais emoção. Mota (2011: 47) demonstra com isto que as estratégias a que recorrem e o certo secretismo que rodeia estas práticas acabam por criar a união deste grupo de pessoas que criam uma identidade enquanto membros de uma comunidade.

Os praticantes de BDSM são um dos grupos estigmatizados e fortemente rotulados pela sociedade. Becker (1966) nota que as regras sociais são criadas por grupos sociais específicos e as sociedades modernas não são simples organizações em que todos concordam com as regras estabelecidas (idem: 15). Em vez disso, as regras podem ser diferenciadas conforme as classes sociais, as etnias e as culturas. Os vários grupos numa sociedade podem ter regras diferentes e podem nem partilhar as mesmas regras (idem). Consequentemente, os vários grupos podem entrar em conflito, permanecendo o desacordo sobre quais os comportamentos corretos e errados em diversas situações (idem). Becker (idem: 9) remata que se deve ter atenção no estudo dos comportamentos considerados desviantes pela sociedade. Uma vez que o “desvio” é, antes de tudo, uma consequência da resposta das outras pessoas perante a ação de alguém, não devemos assumir que as pessoas “desviantes” se encaixam numa categoria homogénea. O processo de rotulagem pode, portanto, não ser infalível, visto que algumas pessoas podem ser rotuladas como desviantes, mas não ter, na realidade, infringido uma regra (idem: 9). Becker (idem: 8) afirma que os grupos sociais criam o

“desvio” ao estabelecer regras que delimitam aqueles comportamentos que são considerados infrações, definindo-os, assim, como comportamentos desviantes. Essas regras são aplicadas às pessoas e quem as infringe é visto como um “*outsider*” (idem). Nesta perspectiva, o “desvio” não é uma qualidade que se encontra, em si mesma, num determinado comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete o ato e aquelas que respondem a ele (idem: 14). Por outras palavras, o que Becker (idem) faz ver é que um dado ato pode ser desviante ou não, dependendo, por um lado, da natureza do ato – se viola ou não uma regra – e, por outro lado, como é que as outras pessoas reagem em relação a ele.

À parte o facto de serem práticas que envolvem dor física e violência, outro motivo que leva a que sejam, muitas vezes, encaradas com desconfiança e os seus praticantes rotulados de “loucos” e “insanos” prende-se com o facto de (quase) tudo o que está fora dos parâmetros normativos acontecer, neste meio, de forma livre e ser considerado aceitável. No meio BDSM, a passividade masculina é bastante comum e a orientação sexual e a identidade de género não são fatores relevantes (Chaline, 2010; Monceri, s.d.; Monteiro e Augusta, 2012; Simula, 2012; Melo, 2010; Freitas, 2010; Mota, 2011). O corpo é a personagem principal em qualquer cena BDSM, os papéis de dominador e submisso são roteiros de uma cena, deixando a identidade de género para segundo plano. Numa encenação BDSM, são apenas necessários dois ou mais corpos, acompanhados por uma definição dos papéis de cada um deles nessa cena. Como o propósito sexual ou, pelo menos, a penetração, não é o fim procurado, mas sim as sensações físicas e as estimulações emocionais, possuir um corpo masculino ou feminino, ou ser heterossexual ou homossexual tem uma relevância mínima. O mundo BDSM coloca em evidência muito daquilo que não vemos quotidianamente. Ainda a propósito da passividade masculina, esta parece contrariar o princípio da dominação masculina. Como apontado por Bourdieu (2002: 15), ao homem está associado o papel ativo e à mulher o papel passivo. Esta oposição e diferenciação dos géneros acaba por impor uma diferenciação no uso dos corpos, principalmente no que refere ao aspeto sexual, pelo que se torna quase impensável um género agir conforme as características “naturais” do outro género, anulando a imagem do “homem viril” ou da “mulher feminina” (idem: 16).

Agrupando um conjunto diversificado de práticas, o BDSM não tem, ainda, uma definição precisa do que realmente é. Assim, a conceptualização do BDSM, que perpassa, de forma mais ou menos clara, todos os estudos mencionados, não obedece a

uma definição universal. Não há consenso, a este nível, entre os autores que procuram perceber a questão, sendo possível encontrar definições diversificadas. Se, por um lado, o BDSM pode ser encarado como um estilo de vida (Cutler, 2003; Mota, 2011; Monteiro e Augusta, 2012), outras perspectivas defendem que estas práticas constituem uma forma de fuga à vida quotidiana (Baumeister, 1988; Weinberg, 2006; Mota, 2011; Monteiro e Augusta, 2012), ou, ainda, jogos de poder (Cutler, 2003; Zilli, 2008; Melo, 2010; Freitas, 2010; Mota, 2011; Monceri, s.d.) de onde sobressai uma dimensão teatral (Mota, 2011). Outros, ainda, encaram-nas como uma forma de dissidência, um comportamento adquirido, uma mera forma de obtenção de prazer (sexual ou não) ou, ainda, como algo “inexplicável” (Taylor e Ussher, 2001).

Na nossa perspetiva, adquirida ao longo do desenvolvimento deste estudo, as práticas de BDSM representam uma panóplia de formas de obter prazer, tanto sexual, como não sexual, que são entendidas, pelos seus praticantes, como algo necessário nas suas relações, sejam estas mais ou menos “sérias”. Não cremos que o BDSM represente uma fuga à vida diária. Pelo contrário, entendemos que os praticantes de BDSM atuam neste meio congruentemente com a forma como atuam no seu dia-a-dia, mantendo uma postura mais ou menos semelhante. Ou seja, não cremos que alguém que leve uma vida cheia de responsabilidades e com o dever de tomar decisões importantes vá, regra geral, procurar nas práticas BDSM uma postura contrária. Entendemos que esta teoria da “fuga” será melhor aplicada não a um nível geral, mas mais particular. Por exemplo, as práticas de BDSM podem ser, sim, uma “fuga”, mas quando falamos de determinadas práticas de cariz sexual ou erótico que não são vistas pela sociedade, em geral, como “normais”, mas que, neste meio, são aceites e livremente praticadas.

2.1. Processo de iniciação e envolvimento em práticas BDSM

Mota (2011) desenvolveu uma das poucas investigações a nível nacional acerca do BDSM, focando aspetos como a caracterização dos praticantes, as suas práticas e os significados que os próprios praticantes lhes atribuem. No seu trabalho, conclui que não existe um trajeto-tipo no que se refere à descoberta e permanência dos indivíduos no mundo BDSM. Em vez disso, os seus praticantes mostram ter diferentes experiências,

motivações e percursos. A descoberta do interesse por estas práticas acontece, geralmente, na idade adulta, havendo algumas exceções em que surge na adolescência (idem: 30). Todavia, há relatos que apontam para a existência desse interesse anteriormente ao conhecimento de uma definição daquilo que se desejava/imaginava (idem). Cutler (2003: 18) refere que os homens, em média, descobrem o seu interesse por volta dos 20 anos e as mulheres por volta dos 18 anos. Melo (2010: 72) faz notar que esse interesse pode ser despertado por eventos sociais, tais como o contacto com alguém praticante ou a visita a uma festa temática; ou através de “movimentos mais reflexivos” como a procura de informação sobre o assunto ou a vontade de “apimentar” uma relação.

Quanto à iniciação e ao envolvimento nestas práticas, são apontadas, essencialmente, três vias: por influência do parceiro numa relação primeiramente convencional; por intermédio de outros participantes; ou pelo cinema e pela literatura (Mota, 2011; Melo, 2010; Cutler, 2003). No que se refere às primeiras experiências, também se verificam algumas diferenças entre géneros. No seu estudo, Cutler (idem: 99) verificou que os homens se envolveram nestas práticas antes de reconhecerem o seu interesse nelas; já as mulheres apresentam a situação inversa. Essas primeiras experiências são descritas como “intensas, positivas e prazerosas” (Mota, 2011: 32). Os seus praticantes entendem que elas são uma “evolução” da sua sexualidade e da sua intimidade e é isso que os faz permanecer no meio (idem). A par disso, entendem, ainda, que trazem benefícios, como a experimentação de sensações novas e a libertação de tensões (idem).

2.2. Compreensão da experiência de práticas BDSM

Se, para o senso comum, os praticantes de BDSM procuram a dor física e/ou psicológica, o que grande parte refere como meta principal é a dinâmica de poder (McCosker, 2005: 34), sendo a dor uma das técnicas possíveis para estabelecer essa dinâmica (Cross e Matheson, 2006: 153). Segundo Weinberg (1987: 60), a dor presente nestas práticas deve ser vista a partir daquilo que simboliza: o controlo de uma pessoa sobre outra e isso é algo erótico para algumas pessoas. Ligada às práticas BDSM, refere

Zilli (idem), encontra-se uma “ética romântica” onde há a consciência do risco, sendo este parte inerente da experiência amorosa. Ellis já havia afirmado que o sadomasoquismo seria motivado pelo amor, envolvendo a negociação de limites perigosos e a fidelidade mútua para a garantia de confiança, podendo isto criar um tipo muito intenso de intimidade e estabelecer uma relação de interdependência muito forte (McClintock, 1993: 111).

Segundo Zilli (2008: 7), o ideal dos “jogos de poder” estabelecidos no BDSM é despertar a sensação de entrega completa, recorrendo, para tal, ao uso de “gatilhos emocionais”. O autor sublinha a dimensão moral e afetiva destas práticas, assumindo haver, por vezes, semelhanças entre as práticas BDSM e a experiência amorosa, enquanto vivências que envolvem aspetos de dominação e sujeição, ocorrendo em ambas uma “imersão no outro”, uma entrega física ao companheiro, com o intuito de otimizar o prazer dos dois (idem: 8). Nesses jogos de poder, ocorre um “processo de domesticação da violência” (Melo, 2010: 78), na medida em que os seus praticantes assumem ter consciência dos riscos decorrentes da “dor” e da “violência” envolvidas. Porém, esses riscos são consentidos e é esse consentimento que atribui legitimidade a tais práticas (Zilli, 2008: 8).

Os praticantes de BDSM assumem que a dor que envolve as suas práticas é uma “dor erotizada”, que serve como elemento para potenciar o prazer. Mota (2011: 41) nota que se deve ter em conta que são as representações que nós próprios fazemos que dão sentido às interações. Como tal, a dor pode ser influenciada pelo ambiente social e cultural, não sendo apenas uma condição biológica sentida de igual forma por todos os indivíduos. A “dor” é um fenómeno subjetivo, que, neste meio, se encontra intimamente ligado ao prazer (idem). Inserida num determinado contexto, a “dor” adquire um “carácter biopsicossocial”, pelo que, dentro desta subcultura, a perceção de práticas “dolorosas” é sentida de forma diferente, isto é, como sexualmente prazerosa.

Weinberg (s.d.) e Mota (2011) notam o carácter teatral destas práticas, apoiando a ideia de que a dor e a violência não são mais do que uma imitação, uma fantasia, não porque não possam ocorrer efetivamente, mas porque apenas acontecem na medida em que são aspetos consentidos, desejados e negociados pelos envolvidos na encenação. Segundo Mota (2011: 12), o que acontece é uma “imitação” da dor e da violência, uma vez que tais fatores são “trabalhados” e negociados. Esta “domesticação da violência”, a que também se refere Melo (2010), deve entender-se à luz do lema que rege estas práticas: São, Seguro e Consensual (S.S.C.). Segundo estas normas, a violência que

ocorre nestas práticas distancia-se de comportamentos violentos criminosos, uma vez que estes constituem uma ofensa à integridade física de outrem, o que não se verifica nas práticas BDSM consentidas.

Mota (2011: 6-7) faz notar que “a ‘teatralidade’ existente no BDSM pode servir para dissolver as narrativas da ‘naturalidade’ da orientação sexual e as conexões normativas feitas entre atos sexuais e a identidade sexual/ orientação/ género”. Corroborando esta ideia, Freitas (2010: 5) refere que a “orientação sexual e/ou a identidade de género dos parceiros não seria relevante no contexto sadomasoquista”. Importa mais o uso do corpo e as sensações que, a partir dele, se retiram. Segundo a autora, os papéis de género são fluidos e continuamente negociados, sendo a passividade masculina bastante comum.

De facto, alguns estudos apontam a existência de altas proporções de mulheres dominantes e homens submissos, mostrando-se isto um paradoxo numa sociedade em que é suposto acontecer o contrário (Weinberg, s.d.: 291). Este fenómeno pode ser explicado tendo em vista a estrutura teatral destas práticas. A preferência dos homens pelo papel de submisso é explicada por Weinberg (idem) ao referir que muitas atividades do BDSM seguem padrões sociais que, neste contexto, são algo fantasiado. São atividades que não fazem parte da realidade dos envolvidos. Neste sentido, os homens submissos procuram viver situações que, na vida “normal”, não lhes é possível viver. Para tal, recorrem a metáforas sociais, como sejam o aluno/professor, médico/paciente. Por outro lado, Baumeister (1995: 144) entende que a maior preferência dos homens pelo papel submisso se deve ao facto de estarem em maior número ou de forma mais visível neste meio.

Weinberg (2006) entende que os praticantes de BDSM não encaram as práticas como “reais”, mas como uma fuga temporária ao seu mundo diário. Através delas, permitem-se adotar comportamentos ou papéis que, normalmente, não lhes são permitidos. Veja-se o exemplo apresentado por Weinberg (2006: 33): um homem que gosta de se vestir como uma empregada doméstica e ser dominado pela mulher. Desempenhando estes papéis ou comportamentos enquanto prática BDSM, os seus participantes usufruem dos seus gostos sem sentimentos de culpa.

Weinberg (s.d.: 293) ressalva o facto de essas fantasias não serem “únicas” ou “privadas”, mas, em vez disso, ligadas a aspetos culturais, como tipificações de pessoas, de situações e de ações. Um homem que assume o papel submisso, por exemplo, parece ser capaz de conciliar as suas necessidades eróticas com a pressão social que é colocada

sobre os homens para que sejam ativos e dominantes sobre as mulheres (idem). Curiosamente, alguns homens apenas assumem o papel de submissos quando estão a usar roupa feminina e adotam um papel feminino (idem: 292). No entender de McClintock (s.d.: 91), a hostilização social destas práticas está, precisamente, nesta encenação de realidades culturais que contraria a ideia da existência de uma lei “natural” das coisas, permitindo a experimentação de diferentes identidades sociais que, neste meio, “mudam libidinosamente”. Por exemplo, as metáforas sociais de médico/paciente, no meio BDSM, são encenações que têm em vista a concretização de fetiches e a satisfação sexual dos envolvidos.

Baumeister (1998: 134) entende que o masoquismo, em particular, serve como uma técnica para escapar à autoconsciência. No decorrer destas práticas, a pessoa masoquista entrega o seu corpo e a própria individualidade nas mãos do outro, estando, durante um certo tempo, dependente deste e livre de responsabilidades e de decisões. Segundo Baumeister (idem: 29), o masoquismo pode servir como uma tentativa de perder a consciência de si, pelo que “a opção de escolha é retirada e substituída por um baixo nível de autoconsciência, permanecendo enquanto corpo físico e como o locus de sensações imediatas, ou com uma nova identidade com significado simbólico transformado”. O motivo de haver pessoas com o desejo de se livrarem “de si mesmas” deve-se, segundo explica o autor, a estilos de vida que requerem a tomada de decisões importantes, em ambientes de pressão e de incerteza, o que pode ser algo stressante para algumas pessoas (idem). A par disso, Baumeister (idem: 29) afirma que o masoquismo “pode servir como um meio de dissuasão eficaz para pensamentos e sentimentos indesejados, especialmente os sentimentos de culpa, de ansiedade ou de insegurança”.

Baumeister (idem: 136) também nota que o masoquismo é compatível com qualquer um dos géneros, permitindo a alteração de determinadas características dos mesmos, ainda que tenha algumas semelhanças ou afinidades com a feminilidade. Para Baumeister (idem: 139), o masoquismo deve ser compreendido segundo propósitos sexuais e essa ligação com a sexualidade é explicada pelo facto de ser uma prática que estabelece um contacto íntimo e físico entre duas pessoas, pelo que a tolerância à dor, aparentemente, aumenta durante a excitação sexual. Para o autor, a explicação de certas pessoas recorrerem a estas práticas está no facto de elas possibilitarem ou intensificarem o prazer sexual (idem: 140).

Mais recentemente, têm surgido estudos que definem o BDSM como uma forma de lazer ou como uma terapia. Prior e Williams (2015: 12) entendem que a prática de

BDSM pode ser entendida como uma experiência de lazer, uma vez que traz benefícios psicológicos associados. Os autores referem que a definição de lazer é difícil e pouco precisa, mas este pode ser entendido como “uma atividade, uma hora/tempo”. Vários estudos concordam que o lazer é algo motivado por e associado a benefícios psicológicos, como a “produção de prazer ou diversão, emoções positivas, redução do *stress*, sentido de aventura e como expressão de aspetos importantes do ‘*self*’” (idem). Para alguns autores, como a experiência do BDSM pode nem sequer ter como objetivo o prazer sexual, a teoria da experiência de lazer pode adquirir certa legitimidade (idem). As atividades de lazer podem ser classificadas como “casuais” ou “sérias”. Enquanto “casuais”, são experiências espontâneas; enquanto “sérias”, envolvem a necessidade de manter a atividade, podem ter etapas e pontos de viragem, requerem um significativo esforço pessoal para adquirir conhecimento, formação e habilidade, fornecem recompensas duráveis e benefícios, estão associadas a uma identidade e envolvidas num mundo social e numa ética própria (idem: 13). Neste sentido, o estilo de vida BDSM mostra-se como uma experiência de lazer “sério”. Enquanto experiência de lazer casual, referem que ainda não há suporte científico suficiente para o provar (idem).

Lindemann (2011), recorrendo aos depoimentos de Dominatrixes (mulheres que adotam o papel de dominadoras com clientes que lhes pagam as sessões), refere que estas se veem como terapeutas. Elas mostram que as suas sessões representam, para quem a elas recorre, alternativas à repressão sexual, mecanismos de aquisição de controlo sobre traumas anteriores ou processos através dos quais os clientes experimentam uma revitalização psicológica através da vergonha. Lindemann (idem: 154) nota que as práticas sadomasoquistas, particularmente, têm sido discutidas como uma espécie de autoajuda, na medida em que parecem ter o potencial de transformar um indivíduo ao fornecer-lhe uma janela para o autoconhecimento. Estando envolvidos nestas práticas, certos aspetos como o divertimento, o simbolismo e alguma intimidade, há o potencial de usar estes cenários sexuais ao serviço de um crescimento relacional e intrapsíquico (Weille, 2002 *apud* Lindemann, 2011: 155).

Porém, muitos autores não aceitam o sadomasoquismo como um “terreno incontestável”, questionando o seu entendimento como uma “cura” ou “terapia” e alertando para o facto de não se poder entender toda a prática do sadomasoquismo como “terapêutica” porque pode levar à rotulagem dos seus praticantes como “doentes, mentalmente desequilibrados ou indivíduos marginais” (Guidroz, 2008: 1776).

2.3. O mundo BDSM: papéis, rituais e relações

No mundo BDSM, encontramos dois aspetos definidores principais: os rituais e os papéis. Os rituais são compostos pela adoção de uma indumentária específica (roupas de latex, por exemplo), que serve de estímulo e de transição para a adoção dos papéis, e pelo uso de certos instrumentos (correntes, cadeados, botas e vendas), que são erotizados com o fim de proporcionar o máximo de sensações. Os rituais têm, portanto, como função remeter os praticantes para o seu papel no BDSM, de modo a reforçar o mesmo ao longo de uma encenação.

Os dois tipos-ideais (Melo, 2010: 66) que regem o desenvolvimento das práticas BDSM são as relações de dominação e submissão, distribuindo-se os praticantes entre dominadores (aqueles que têm prazer em dominar outrem), submissos (aqueles que têm prazer em obedecer a outrem) e *switchers* (aqueles que tanto assumem o papel de dominadores, como de dominados). Estes papéis sexuais, “ao mesmo tempo que se referem a uma identidade em função de uma prática, referem-se ao que se deve praticar em função de uma identidade” (Melo, 2010: 71). Assim, um dominador deve conhecer o material que usa, a intensidade da dor que com ele proporciona, como o manejar, etc.; um submisso deve, essencialmente, conhecer os limites do seu corpo e saber entregar-se ao seu dominador. A confirmação de um papel sexual no meio BDSM implica a interiorização do mesmo, a assimilação e adoção das expectativas respetivas, indo de encontro ao facto de identidades e práticas se relacionarem. O envolvimento nestas práticas está relacionado com um “saber-fazer com o corpo – e com o corpo do outro – que não é imediatamente transmitido” (idem: 77). Isto representa um processo de conhecimento não só de si, como também do outro com quem se interage. Não é incomum os praticantes de BDSM referirem que o envolvimento no mundo BDSM representa um longo caminho de aprendizagem e de autoconhecimento. Os papéis sexuais, ao mesmo tempo que sustentam uma identidade, servem também para manter a congruência das encenações, uma vez que definem as atitudes esperadas dos envolvidos. No meio BDSM, revela-se, assim, uma certa unicidade nos papéis desempenhados (Mota, 2011; Brown, 2010), uma vez que há uma tendência que o rege e que se mantém pela congruência entre os papéis: dominar ou ser dominado.

Essa congruência parece ser desmentida pelo papel do *switcher*, que gera uma certa desconfiança no meio BDSM (Melo, 2010: 69-72) devido, essencialmente, ao facto de resistir – ou, pelo menos, colocar em questão – a categorização dos papéis com base numa relação de dominação/submissão que é uma das bases deste meio. A oscilação de poder que o caracteriza confunde os adeptos que assumem um papel que lhes assegura a defesa de uma identidade constante. O papel de *switcher* pode ser visto como problemático no meio BDSM, uma vez que assenta numa pelo menos aparente indefinição e não exclusividade face aos dois polos identitários dominantes: o dominador e o submisso. Neste meio, os *switchers* acabam, por isso, por ser vistos como pessoas instáveis e inconstantes. Numa interação, a adoção de uma “identidade que se assume ter fronteiras definidas” permite estabelecer uma “ordenação da realidade” que permite, em princípio, afastar confusões e oferece um ambiente previsível e estável, uma vez que a “atribuição de identidades é um dos elementos essenciais da interação” (Brandão, 2008: 435). Como assinala Melo (2010: 69), as práticas BDSM estabelecem-se por meio de “expectativas, antecipações, técnicas, estratégias e práticas de controlo de si e das impressões”, pelo que um *switcher* “perturba” os envolvidos, gerando uma certa desconfiança entre os participantes. Essa desconfiança deve-se, similarmente ao que acontece com os bissexuais no meio gay e lésbico, à dificuldade que colocam ao desenrolar duma interação devido à sua identidade não parecer clara para os outros (Melo, 2010). Por outras palavras, o que acontece é que o *switcher* torna complexo o processo de interação, ao facilitar o desenvolvimento de um ambiente imprevisível e instável. Um *switcher* confunde “o tipo ideal do completo dominador ou do completo submisso” (idem: 72), sendo, à vista dos restantes, algo impensável um dominador consentir, nalguma situação, ser dominado por outro.

No que toca às relações entre praticantes, estas podem estabelecer-se segundo diferentes graus de intimidade e de proximidade, passando por relações momentâneas, mantidas somente durante uma encenação; relações mais ou menos estruturadas com uma certa frequência de encontros; relações entre três ou mais indivíduos; relações “extraconjugais”, nas quais o indivíduo tem uma relação “baunilha” e mantém uma outra relação com um praticante (Cutler, 2003). Geralmente, apresentam-se como relações minimamente estruturadas, na medida em que os envolvidos devem desenvolver um certo grau de intimidade e de proximidade de modo a praticarem o BDSM de forma segura e prazerosa (idem).

Porém, quando procuramos apenas aquelas relações em que há uma ligação amorosa, o número de casos parece ser mais reduzido em comparação com as restantes formas de relacionamento que, neste meio, se desenvolvem. Na literatura disponível, tivemos acesso a apenas um estudo subordinado ao tema das relações amorosas entre praticantes. A população em estudo correspondeu a casais numa relação BDSM de longa duração e a análise incidiu sobre as questões primárias destas relações: história da relação, negociação sexual e trocas de poder, compatibilidade de interesses BDSM e associações entre géneros e papéis (Cutler, 2003). Nas suas principais conclusões, Cutler (2003: 30) nota que os casais estudados mostraram ter uma correlação positiva no que toca ao conhecimento dos interesses BDSM dos seus parceiros, assim como uma alta correlação de interesses partilhados. Cutler supunha que o conhecimento dos interesses BDSM dos parceiros aumentaria ao longo do tempo da relação. Contudo, a correlação entre estas duas variáveis mostrou-se “modesta” (idem: 31). O autor justifica esta correlação pouco significativa pelo facto de, na maior parte dos casos, a divulgação dos interesses BDSM acontecer no primeiro ano do relacionamento (idem: 32). Os aspetos apontados como mais funcionais nestas relações eram a comunicação, o apoio mútuo, a abertura e a honestidade, o estilo de vida, a atração física/sexual, o humor, o amor e a intimidade (idem: 34). Cutler refere que os casais atribuem grande valor à comunicação e à honestidade na relação (idem). Os principais problemas que apontam nestas relações são o facto de um dos elementos do casal querer que o parceiro seja mais agressivo e a falta de mais tempo para os “jogos” (idem: 37). Cutler sublinha que, quando havia discrepância de desejos, era a parte submissa que queria mais. O autor supõe que tal se deve ao facto de o submisso poder escapar, enquanto está nesse papel, à pressão e responsabilidades diárias, enquanto o dominador é aquele que tem de tomar a iniciativa e assumir responsabilidades (idem: 102).

Sobre a história das suas relações e do modo como os membros do casal se conheceram, Cutler (idem: 45) refere que há 100% de congruência nos casais, sendo que, muitas vezes, os membros do casal usavam a mesma fraseologia. Quanto ao modo como se conheceram, a grande maioria conta que foi através da *internet* (idem). É ressalvado, ainda, o facto de todos os casais afirmarem estar cientes de que os seus parceiros tinham interesses BDSM antes de se envolverem num relacionamento com eles (idem: 103). Questionados sobre qual foi a principal atração nos seus parceiros, o grande fator mencionado é o facto de partilharem interesses BDSM (idem: 48). Sobre as

trocas de poder, os resultados mostraram uma substancial congruência no que respeita a quem detinha o poder (idem: 54).

Quanto à compatibilidade, o autor trabalhou sobretudo sobre a compatibilidade dos papéis, referindo-se, com isto, ao não conflito de interesses entre os parceiros. A este respeito, demonstrou haver alta compatibilidade entre casais com os papéis dominador/submisso (idem: 71). Diferenciando os papéis segundo os géneros, Cutler afirma que, numa relação em que o homem é o dominador e a mulher é a submissa, a compatibilidade corresponde a 73%; já numa relação entre mulher dominadora e homem submisso, a compatibilidade é de 50% (idem). Destes dados podemos constatar que as próprias relações amorosas no meio BDSM deixam transparecer um certo seguimento dos padrões “normativos”, uma vez que a maior percentagem de “compatibilidade” recai sobre casais em que o homem domina e a mulher é dominada.

Dos seus dados, o autor conclui que os envolvidos nestas relações têm uma alta probabilidade de terem o que querem no que refere aos seus interesses BDSM (idem: 72). É, ainda, sublinhado que não parece haver uma adaptação de interesses ao longo das relações, ou seja, os indivíduos não alteram os seus interesses de modo a combinarem-nos com os do parceiro (idem: 103). Desta forma, a combinação de interesses não é uma variável para a durabilidade da relação (idem: 73).

Curiosamente, Cutler refere que homens e mulheres dominadores tinham uma boa noção da compatibilidade com os seus parceiros, mas os homens submissos subestimavam essa compatibilidade, ao passo que as mulheres submissas sobrestimavam essa compatibilidade (idem: 104). A explicação está no facto de um dominador ter de conhecer realmente bem os interesses do parceiro, pois é isso que dele se espera (idem). Outro aspeto curioso resultante deste estudo diz respeito ao facto de, mesmo em relações mais rigorosas em termos de controlo, se entender que o submisso tem oportunidade de expor os seus desejos e, muitas vezes, ser ele a fazer as escolhas, limitando-se o dominador a confirmá-las (idem: 107). A par disso, geralmente, é o submisso que expressa mais significativamente ansiar os “jogos” em comparação com o dominador (idem: 108). Deste modo, a imagem do submisso como “vítima” mostra-se algo imprecisa (idem: 109).

De modo conclusivo, Cutler refere que a troca de poder entre o casal é feita explicitamente e isso, nalguns aspetos, simplifica o relacionamento, na medida em que há um compromisso de comunicação e transparência (idem: 109). Estes casais referiram que usavam a natureza dominador/submisso da relação como uma ferramenta para gerir

a mesma (idem: 110), notando que, em tempos difíceis, recorriam aos rituais e protocolos do BDSM, o que lhes permitia restabelecer o vínculo com os parceiros (idem: 111).

Capítulo 3. As relações amorosas entre praticantes de BDSM: um estudo de casos

O tema desta investigação centra-se nas transformações ocorridas na intimidade dos indivíduos que adquirem materialidade nas diversas formas de relacionamento existentes. As relações amorosas entre praticantes de BDSM mostram algumas dessas transformações. Tivemos como objetivo desta investigação, numa primeira fase, perceber como acontecem as relações amorosas entre praticantes de BDSM e como são incorporadas, nessas relações, as práticas BDSM. Numa segunda fase, pretendemos compreender em que medida estes relacionamentos se aproximam do ideal de “relação pura” (Giddens, 1992). Assim, partimos da questão “como se desenvolve uma relação amorosa no meio BDSM e como é incorporado o BDSM nestas relações?” Tomando como mote esta questão, pretendemos traçar uma “história” de algumas relações amorosas neste meio e contrapô-las com as principais dimensões constituintes do ideal de relação pura, tendo em vista conferir se as mesmas permitem designá-las como “relações puras”.

Para a nossa investigação, optámos por manter o enfoque somente sobre relações em que ambos os envolvidos na relação eram praticantes de BDSM com uma ligação amorosa entre si. Esta opção decorreu do facto de nos apercebermos que este é um tema que suscita alguma controvérsia no meio BDSM. Procurámos, portanto, perceber porquê. O nosso objeto empírico foi um conjunto de nove pessoas praticantes de BDSM que viviam uma relação amorosa com alguém também praticante. Era nossa pretensão obter o depoimento de ambos os elementos dos casais, pois, dessa forma, teríamos a possibilidade de obter um retrato mais profundo da questão. No entanto, apenas um casal se disponibilizou para participar em simultâneo. Quanto aos restantes, os parceiros não quiseram participar. Uma vez que conseguir a colaboração destas pessoas foi uma tarefa difícil, optámos por manter a investigação a partir do depoimento daqueles que se disponibilizaram para ser entrevistados. Desta feita, importa reforçar que os resultados obtidos refletirão esta lacuna.

Os nossos entrevistados distribuem-se quase em igual número entre submissos e dominadores. Temos, portanto, um total de quatro entrevistados que se definem como submissos (três mulheres e um homem) e cinco como dominadores (três homens e duas

mulheres). Na sua maioria, são indivíduos residentes em Lisboa e, em número consideravelmente mais reduzido, na zona do Porto.

O método utilizado para a investigação foi o estudo de casos com carácter exploratório. Justificamos a escolha deste método pelo facto de termos em vista obter uma compreensão do fenómeno e considerando que este é um tema pouco estudado. Este é um método adequado para investigações que pretendem responder a questões do tipo “como” e “por que”, representando uma análise intensiva, ou uma descrição, de um fenómeno contemporâneo (Yin, 2001). O estudo de casos permite compreender um fenómeno de forma profunda, sendo esta uma das suas principais virtudes (Greenwood, 1963: 342). Além disso, adquire uma forte validade como método exploratório, pois pode ser utilizado em investigações em que o investigador não possui grande familiaridade com o fenómeno, sendo “especialmente fecundo na produção de revelações úteis” (idem: 343). Este método permite também traçar questões ou hipóteses para investigações futuras, levantando “hipóteses e proposições relevantes para orientar estudos posteriores” e representando “um certo suporte para a teorização” (Neves, 1996: 57).

A este método são frequentemente apontados problemas como a falta de rigor, de fiabilidade e de representatividade. Os estudos de caso estariam sujeitos a uma falta de rigor na pesquisa e, conseqüentemente, de fiabilidade, uma vez que o pesquisador pode negligenciar ou aceitar evidências que podem ser equivocadas ou visões que podem ter forte influência sobre as descobertas de pesquisa (idem: 28). Outra crítica comum é a falta de fundamento dos estudos de caso para se fazer generalizações (idem: 29). Contudo, tais limitações podem ser minorizadas, importando que se faça a articulação entre os dados recolhidos e um quadro teórico sustentável. No que respeita à representatividade, este é um método que não permite traçar generalizações (Greenwood, 1963: 344; Yin, 2001: 29). Todavia, importa ter em consideração que os estudos de caso “são generalizáveis a proposições teóricas, e não a populações ou universos” (Yin, 2001: 29).

Seguimos, portanto, uma metodologia qualitativa, que pretendeu chegar a conclusões “de dentro para fora”, focando a análise na perspectiva dos próprios envolvidos, apreendendo os significados que partilham e os seus quadros de referência. Apenas nestes moldes seria possível a compreensão de um fenómeno que envolve a subjetividade própria dos relacionamentos amorosos. As metodologias qualitativas possuem vantagens que vão ao encontro dos objetivos da nossa investigação, na medida

em que servem como “instrumento privilegiado de análise das experiências e do sentido da ação”, privilegiando mais o significado dos fenómenos do que a frequência com que ocorrem (Guerra, 2006: 10-11).

Tratando-se do estudo de práticas, comportamentos e valores, as metodologias qualitativas representam uma forma privilegiada de nos aproximarmos dos contextos reais e de apreendermos aspetos da realidade que não se mostram suscetíveis de quantificação. A partir deste tipo de investigação, o investigador tem contacto direto com os atores, acedendo à sua subjetividade, que deve aqui ser entendida não como “um mero reflexo da individualidade desse ator, mas de um processo de socialização e de partilha de valores e práticas com outros” (Lalanda, 1998: 875). Por meio desta aproximação, o investigador tem a possibilidade de “ver por dentro” o fenómeno em estudo (idem: 873). Ao contrário das investigações quantitativas, que procuram comprovar teorias, testar hipóteses e generalizar resultados, as investigações qualitativas baseiam-se na recolha, análise e interpretação dos dados recolhidos e na construção do conhecimento de modo indutivo.

Para a recolha de dados, privilegiámos, num primeiro momento, a observação do fórum da comunidade BDSM em Portugal, pretendendo adquirir a perspetiva e as ideias aí expostas sobre a temática dos relacionamentos no meio BDSM. Posteriormente, pretendeu-se realizar entrevistas semidiretivas, de modo a objetivar e esclarecer os discursos observados, tendo em conta que este tipo de entrevista é ideal para aprofundar um tema ainda pouco explorado (Ghiglione e Matalon, 1997: 89). A opção por estas técnicas deveu-se ao facto de permitirem um contacto mais próximo com os indivíduos, compreendendo-se mais detalhadamente o que pensam, o que fazem e por que o fazem. Na decisão da conjugação destas técnicas, tomou-se em consideração que, enquanto a observação “permite ao pesquisador descobrir como algo efetivamente funciona ou ocorre”, as entrevistas “contêm uma mistura de como algo é e como deveria ser” (idem: 147).

Na escolha do campo de análise, tomámos em consideração não só a ideia de Noveli (2010: 109, 114) de que “os mundos, *online* e *offline*, não são necessariamente realidades separadas (...) mas podem ser considerados um *continuum* da mesma realidade”, considerando as comunidades *online* como “fontes objetivas de informação”, mas também, e sobretudo, o facto de a população em estudo ser uma população desconhecida, que preza o seu anonimato e é, como tal, de difícil acesso.

3.1. O Fórum BDSM Portugal

A nossa observação consistiu na leitura do *Fórum BDSM Portugal*². Este conta com um número bastante considerável de membros e um histórico de debates acerca dos mais variados temas: contraste entre o mundo BDSM e o mundo “baunilha”, as personagens que compõem o meio, quem detém o poder numa sessão, as relações 24/7³, o BDSM pago, as práticas favoritas e as primeiras sessões, a questão das marcas, os eventos BDSM em Portugal, os limites e a “palavra de segurança”⁴, ser-se *switcher*, a conjugação de amor e BDSM, entre outros.

Para essa observação, recorreremos à etnografia virtual, uma metodologia qualitativa concebida com o propósito de investigar os comportamentos de consumo de culturas e comunidades que se estabelecem na Internet (Noveli, 2010: 115). É, portanto, uma adaptação da etnografia, mas aplicada especificamente ao estudo de comunidades em linha (idem). A etnografia virtual corresponde à observação de discursos textuais apresentados em linha e acarreta desvantagens e vantagens próprias. Tratando-se da análise de comunicação exclusivamente escrita, permite que as pessoas pensem cuidadosamente no que vão dizer, a eliminação ou simulação física, a ocultação de estados emocionais e, ainda, uma maior liberdade para autoapresentações estrategicamente construídas (Kozinets, 1998). Há, ainda, a assinalar o excesso de informação a que se pode estar sujeito, o facto de não permitir observar a linguagem corporal e a possibilidade de levar a uma falta de confiança nos dados, dado o anonimato das pessoas que é possibilitado pela comunicação através do computador (Noveli, 2010: 123). No caso concreto da nossa investigação, as desvantagens apontadas assumem um papel menor, uma vez que a observação do *Fórum BDSM Portugal* não foi a fonte principal de recolha de informação. Serviu, essencialmente, para nos dar uma visão geral sobre a temática em estudo.

Trata-se, contudo, de uma metodologia que facilita o acesso a dados que podem ser facilmente extraídos em grande número, que permite flexibilidade espacial e temporal com custos reduzidos (idem: 116) e é não intrusiva (Rodrigues, 2012;

² Localizado em: <http://www.bdsmportugal.org/forum/>

³ Relacionamento entre dois praticantes que mantêm uma relação de dominação/submissão constante, durante as 24 horas do dia, nos 7 dias da semana.

⁴ Palavra de segurança que é acordada entre os envolvidos antes de qualquer interação e que serve para pôr fim a uma prática que não esteja a ser prazerosa para um dos envolvidos.

Kozinets, 1998; Noveli, 2010). Como os relacionamentos amorosos entre praticantes de BDSM ainda são pouco estudados, a observação do fórum permitiu recolher perspectivas acerca do fenómeno de uma forma mais rápida e simples.

Importa referir que tanto as vantagens, como as desvantagens referidas são próprias do meio que se está a utilizar, a Internet (Noveli, 2010; Kozinets, 1998), e que, nas interações em linha, “a mesma liberdade que permite às pessoas mentirem sobre elas mesmas e sobre suas opiniões, também permite a outras expressarem aspetos pessoais, ambições e conflitos internos, que de outra forma permaneceriam escondidos” (Noveli, 2010: 124).

A etnografia virtual obedece a um conjunto de procedimentos próprios (Kozinets, 1998). Primeiramente, entrámos no campo com a pergunta “que opiniões têm os praticantes de BDSM acerca dos relacionamentos amorosos mantidos entre praticantes?”, pelo que a comunidade em linha que entendemos ter interesse para a investigação foi a dos praticantes de BDSM representada no *Fórum BDSM Portugal*. Seguidamente, passámos para a recolha dos dados, que consistiu, simultaneamente, em extrair diretamente os dados pertinentes do sítio da comunidade e em observar as interações dos seus membros, procedendo, posteriormente, à sua análise. A recolha dos dados foi restringida aos tópicos de debate em que o assunto dos relacionamentos amorosos estivesse presente.

A análise dos dados recolhidos seguiu os pressupostos de uma análise de conteúdo temática. As categorias temáticas recaíram, essencialmente, sobre a grande temática dos relacionamentos neste meio, pelo que nos focámos em aspetos como a idealização de relacionamentos amorosos entre praticantes; os entendimentos sobre a conjugação entre amor e BDSM; a possibilidade de interferência do sentimento amoroso no desempenho das práticas BDSM; aspetos necessários numa relação entre praticantes; a existência ou não de particularidades neste tipo de relações; as possíveis diferenças entre estas e as relações “baunilha”; depoimentos de pessoas que mostraram de forma clara estar envolvidas em relações amorosas com alguém praticante de BDSM.

De forma a cumprir a ética de pesquisa, fizemos uma apresentação à comunidade e pedimos a colaboração dos seus membros, garantindo-lhes anonimato e respeito pelas informações prestadas. Para tal, deixámos uma apresentação na secção das apresentações do Fórum, expondo o nosso objetivo e apelando à participação de possíveis interessados. Criámos, além disso, um novo tópico na secção intitulada “BDSM”, onde os membros podiam lançar temas para ser abordados ou aprofundados.

Colocámos como título do tópico “casais” e deixámos uma questão geral de modo a obtermos opiniões sobre o tema dos relacionamentos. Contudo, a nossa intervenção não foi recebida da melhor maneira, sendo-nos apontado o facto de não termos referências que garantissem a nossa fidedignidade e incentivassem a participação dos membros. Foi, portanto, neste seguimento que criámos um *blog*⁵ onde expusemos os termos da investigação e os seus objetivos, incentivando a colaboração de praticantes. Passado algum tempo, fomos sendo contactados por pessoas que se disponibilizaram para colaborar.

3.2 As entrevistas

A opção pela entrevista justificou-se pela intenção de recolher informação que permitisse dar conta da complexidade do fenómeno e informação mais detalhada. Com esta técnica, privilegiámos o discurso dos entrevistados, os seus quadros de referência, significações e valores. Mais ainda, após a recolha de informação através do Fórum da comunidade, as entrevistas representaram uma etapa complementar que tornou tangíveis as identidades virtuais (Kozinets, 1998). Com um carácter semidiretivo, as entrevistas caracterizam-se pela liberdade dada ao entrevistado, uma vez que o pesquisador apenas tinha um conjunto de temas sobre os quais o interrogava, mas a ordem e a forma como foram sendo conduzidos dependeu do desenrolar do discurso do entrevistado (Ghiglione e Matalon, 1997: 64).

No que toca à seleção dos indivíduos a entrevistar, seguimos um procedimento em bola de neve, ao identificarmos certos indivíduos que forneciam informação sobre outros. Partimos da nossa apresentação no Fórum BDSM Portugal, bem como do *blog* criado, com o propósito de divulgar a investigação e apelar à participação de casais. Como critérios de seleção, apenas foram exigidos dois aspetos: que se identificassem como praticantes de BDSM e que estivessem num relacionamento amoroso com alguém também praticante. Foi, desta forma, um critério por conveniência, visto que se pretendia “a seleção daqueles casos mais fáceis de serem acedidos em determinadas condições” (Flick, 2004: 83). Este é um critério usado quando os recursos são limitados

⁵ Disponível em: <http://casaisadomasoquistas.wordpress.com/>

em termos de tempo e de pessoas, mostrando-se, assim, o único caminho para a realização do estudo, o que se aplica à nossa investigação.

Neste seguimento, o que procurámos não foi a extensão dos dados, mas sim, a profundidade daqueles a que nos foi possível aceder. A representatividade dos mesmos fundamentar-se na ideia de que cada caso se representa a si mesmo, sendo visto como “o resultado da socialização individual específica contra um pano de fundo geral”, representando, assim, um “universo individualizado” (idem: 85). Entender cada caso como um “universo individualizado” implica perceber que cada um representa uma parte do geral no qual os envolvidos atuam, influenciando e sendo influenciados pelos ideais, valores e regras do universo em questão, neste caso, o meio BDSM.

Dado o facto de o objeto empírico desta investigação ser de difícil acesso e não havendo conhecimento pessoal de praticantes dispostos a colaborar, a sua seleção decorreu de uma apresentação nossa no *Fórum BDSM Portugal* e, posteriormente, da criação do *blog*. Como tal, de forma a facilitar a adesão e a contornar os entraves decorrentes da eventual ausência de proximidade geográfica, optámos pela realização de entrevistas em linha. Trata-se de uma modalidade de entrevista relativamente recente, que surgiu nos finais da década de 1990, e pode ocorrer de duas maneiras: através de ferramentas de conversação em linha, como salas de conversação ou *chats* (modo síncrono) ou de correio eletrónico (modo assíncrono)⁶ (Santos, 2009: 126). As entrevistas em linha são consideradas tão eficazes quanto as tradicionais, pois embora as primeiras possam ocupar mais tempo na sua execução, o tratamento dos dados é facilitado e, deste modo, acaba por ser uma técnica mais rápida no seu todo (Oliveira, Rego et. al., 2009: 67). Segundo Santos (2009), as entrevistas em linha possuem vantagens próprias que entendemos ser mais-valias para o nosso estudo. Os entrevistados podem sentir, por este meio, “liberdade e conforto”, podendo ser mais facilmente motivados a participar dada a “sensação de proteção e privacidade” (idem: 127). Nomeadamente, são evitados os constrangimentos de estar numa interação face-a-face, principalmente quando o objetivo é falar de assuntos delicados e de foro íntimo. Outro aspeto favorável é o facto de o encontro entre entrevistado e investigador ser facilitado, marcando-se apenas o dia e a hora, não sendo, portanto, necessário o deslocamento presencial. Através de qualquer uma destas formas, as entrevistas em

⁶ De modo síncrono, a entrevista é conduzida em tempo real, podendo, ou não, acontecer com imagem e som. Em modo assíncrono, a entrevista estende-se por um maior período de tempo, uma vez que ocorre através de uma troca de mensagens de correio eletrónico, por exemplo, em que há a necessidade de um período de espera pelas respostas que, neste caso, são escritas.

linha possibilitam, por isso, o acesso a pessoas das mais variadas áreas geográficas ou que sejam de difícil acesso pelos mais variados motivos (idem). Por estas razões, facilitam o acesso a um maior número de potenciais participantes. Contudo, apresentam também, naturalmente, desvantagens: o facto de o entrevistado poder abandonar a entrevista a meio e a necessidade de ligação à Internet, que pode, nalgum momento, desligar-se (idem). Outro aspeto apontado é que, tratando-se de uma entrevista de modo assíncrono, em que as respostas são escritas, a mensagem recebida pode não ser entendida da maneira que o entrevistado pretende, implicando, portanto, que o investigador faça reformulações dos conteúdos e dos sentimentos transmitidos (idem: 129).

Para o guião das entrevistas, definimos os seguintes temas: (a) caracterização do relacionamento amoroso atual, focando aspetos como a sua duração e o modo como se desenvolveu; (b) a história pessoal enquanto praticante de BDSM, percebendo como aconteceu a descoberta destas práticas e o papel que assume nas mesmas (dominador ou submisso), bem como o lugar que estas práticas assumem na sua vida; (c) problemas e benefícios de manter uma relação com alguém igualmente praticante, clarificando os aspetos que funcionam e que não funcionam na relação, bem como os principais problemas na relação; (d) exploração das principais dimensões da “relação pura” (intimidade, igualdade, satisfação e autonomia/ autodeterminação).

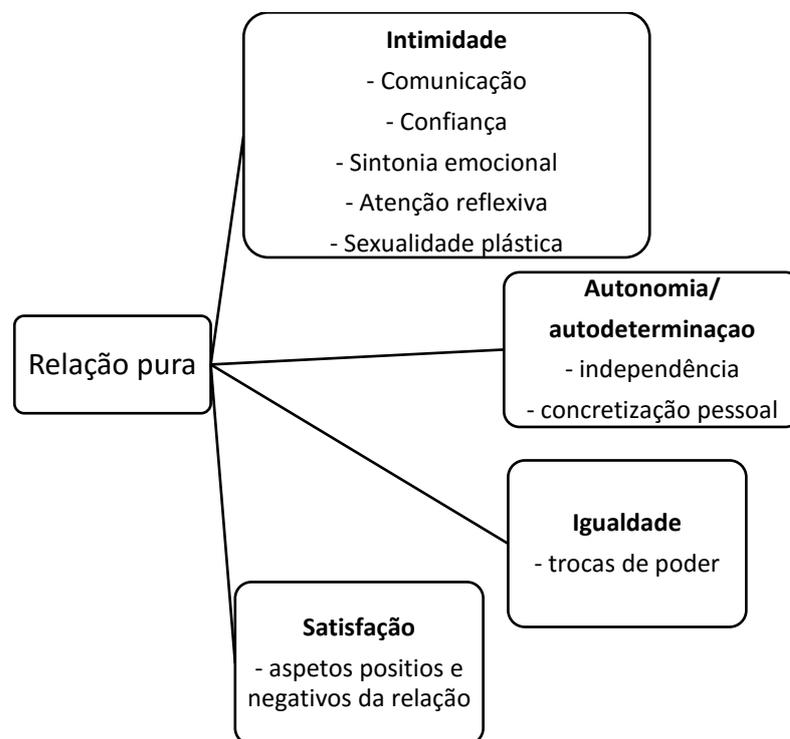
Para a definição das dimensões de análise da “relação pura”, recorreremos ao trabalho de Soller (2010), no qual se procura testar a teoria da “relação pura”. Optámos por adaptar à nossa investigação as principais dimensões da “relação pura” trabalhadas por Soller (idem) por nos parecer um trabalho consistente e dos poucos que expõem claramente as dimensões que constituem este ideal. Soller (idem: 2) considera a teoria de Giddens sobre as transformações da intimidade na modernidade tardia como uma teoria provocadora sobre os mais recentes desenvolvimentos no que toca à família e às relações de intimidade. O autor considera, ainda, que a análise de Giddens recai sobre tipos-ideais e esboços que carecem de especificidade empírica.

A nossa adaptação do trabalho de Soller consistiu somente em retirar dele as dimensões que constituem o ideal de relação pura, bem como os parâmetros de cada uma. Ao passo que a nossa análise recai sobre um tipo específico de relação, o trabalho de Soller é mais geral. Por esse motivo, apenas recorreremos à base da sua análise, sem, contudo, descuidar as suas conclusões mais universais, como seja o facto de o autor concluir que as diferentes dimensões que constituem o ideal de relação pura poucas

vezes se ligarem positivamente todas umas com as outras, sendo que, para ser alcançado esse ideal, as mesmas se devem reforçar mutuamente (idem: 26).

Apresentamos, seguidamente, o modelo de análise do ideal de relação pura.

Figura 1 – Modelo de análise da relação pura



Fonte: Soller, 2010 (adaptado)

Capítulo 4. Da entrada no mundo BDSM ao estabelecimento de uma relação amorosa

No meio BDSM, são variados os tipos de relações existentes, desde relações mais desprendidas e momentâneas a relações com um vínculo amoroso. Sobre estas últimas, os praticantes de BDSM possuem opiniões diversas, dividindo-se entre aqueles que lhes dão toda a credibilidade e concretização e os que as entendem como algo utópico.

No nosso estudo, foram considerados os depoimentos daqueles que se encontram envolvidos em relações amorosas e nas quais ambos os parceiros admitem ser praticantes de BDSM. Neste sentido, foi nosso objetivo perceber como acontecem e como se estabelecem estas relações. Seguidamente, apresentamos os resultados da nossa investigação.

4.1 A prática do BDSM: iniciação, primeiras experiências e autoconhecimento

O estabelecimento do primeiro momento em que os nossos entrevistados tiveram contato com o mundo BDSM é uma questão difícil sobre a qual não há uma resposta precisa, o que vai de encontro às conclusões de Mota (2011), Melo (2010) e Cutler (2003). Também neste estudo é corroborada a ideia de que existem, essencialmente, três grandes vias de conhecimento destas práticas: por influência de um parceiro numa relação, o acesso ao cinema e à literatura que tratam desta temática e, ainda, por consciência, mais ou menos tardia, de que se tem, no íntimo, o fascínio por alguma vertente do BDSM ou algum tipo de fetiche enquadrado nestas práticas.

Do conjunto de entrevistados, as primeiras experiências aconteceram, de forma mais comum, por influência de um parceiro já iniciado no mundo BDSM ou pela vontade de experimentar sensações novas. Nalguns casos, é referido que as primeiras experiências decorreram de um fascínio já existente por alguma vertente do BDSM e

que sempre fizeram parte das suas relações, mesmo que não tivessem noção do que, realmente, praticavam. Como conta Daniel (submisso), as suas primeiras experiências aconteceram numa relação em que ambos os parceiros quiseram experimentar:

“Foi algo que aconteceu na relação, uma vez que é algo [as práticas BDSM] que sempre teve uma vital importância para mim e foi obviamente combinado e acordado”.

Maria (dominadora) conta que foi por intermédio de um namorado que se iniciou no mundo BDSM quando este lhe sugeriu que fossem a uma festa dedicada a estas práticas. Segundo Maria, o seu envolvimento aconteceu não só pela curiosidade, mas também porque ambos desejavam novas experiências na relação. Maria conta que ela e o seu companheiro, antes de entrarem no mundo BDSM, eram praticantes “assíduos e muito liberais” de *swing* há algum tempo. Contudo, afirma que,

“Ao fim de algum tempo, o corpo e a mente habitua-se e começa-se a desejar mais patamares de entusiasmo”.

Paula (submissa) é uma das entrevistadas que refere que a sua sexualidade sempre englobou alguma vertente do BDSM. A sua iniciação aconteceu por intermédio de um rapaz já iniciado na prática de BDSM. Foi com ele que teve as primeiras experiências nestas práticas, mas refere que,

“Agora, ao olhar para trás, posso dizer que a maioria dos meus relacionamentos de cariz sexual, para não dizer todos, foi pautada por algum tipo de prática que se pode enquadrar no BDSM”.

Os praticantes de BDSM estão envolvidos num certo grau de organização social, onde existe um conjunto de normas, valores e símbolos próprios, que são aprendidos e reforçados pela participação numa subcultura (Weinberg, 1987; Mota, 2011). A exploração do que são estas práticas e de tudo o que as envolve serve não só como uma procura de normalização das necessidades e comportamentos destes indivíduos,

conforme expôs Weinberg (idem), mas também como consciencialização de tudo o que implica a prática de BDSM. No entender de Silva (2012: 49), o BDSM “é feito de estudo, de apreensão de conhecimento e de prática”. A autora refere que, no meio BDSM, há uma dimensão coletiva importante que sustenta uma preocupação com a troca de informações e conhecimentos entre praticantes, bem como uma “administração coletiva dos riscos implicados nas práticas”, nomeadamente em festas temáticas (idem: 46).

Nos nossos testemunhos, pudemos constatar essa organização através da necessidade que os participantes têm de conhecer esse mundo. Há a referência de que a integração neste meio implica o conhecimento e a interiorização das suas normas e símbolos. Assim, as primeiras experiências antecedem a exploração das regras, dos protocolos e das características que definem o BDSM. O meio primordial para tal é a *internet*, onde, como referem os entrevistados, se tem acesso a fóruns, salas de conversação exclusivas sobre esta temática, bem como ao contato direto com a comunidade portuguesa ou estrangeira de BDSM. Mais uma vez, encontramos aqui concordância com outros estudos (Mota, 2011; Cutler, 2003).

O envolvimento nestas práticas não acontece, assim, de um dia para o outro. Os entrevistados referem que ele é levado com bastante seriedade e que acaba por ser um processo de autoconhecimento. Neste meio, há a “produção de um ‘saber-fazer com o corpo’, assim como com o corpo do outro, que é algo que não é adquirido imediatamente” (Silva, 2012: 46). É, portanto, necessário haver uma aprendizagem, um conhecimento de si e do outro, bem como dos limites de cada um. Cutler (2003: 99-100) afirma que os praticantes de BDSM procuram estar preparados para a natureza multifacetada do BDSM, estando cientes das suas possibilidades. Os praticantes consideram a exploração deste mundo como um processo contínuo que acompanha o crescimento pessoal de cada um. Ana (submissa), por exemplo, afirma que a sua exploração deste mundo e a “descoberta” do seu papel passou por um processo gradual, explicando que,

“Lancei-me a ler, procurar, fazer perguntas e conversar muito. Quando me senti segura de que sabia qual o meu papel, submissa, e que queria explorar esse lado de mim...”

O mundo BDSM, pautado por normas e papéis que definem o desenrolar de uma “encenação”, é marcado por diversas vertentes que diferenciam os seus praticantes nos seus modos de viver estas práticas. Uma dessas vertentes é a diferenciação entre dominação e submissão, que se aplica às relações entre os praticantes. Como apontado por Melo (2010: 66), estes são os dois tipos-ideais que regem o BDSM. Por seu lado, o sadismo e o masoquismo são práticas concretas que podem ou não acontecer na relação e que estão intimamente ligados ao prazer. Assim, um dominador pode ser masoquista, assim como um submisso pode ser sádico, ou seja, um dominador que assume o comando da interação pode preferir ser ele próprio a sofrer a dor, não deixando, por isso, de ter o poder de controlar a situação. De modo semelhante, um submisso pode desejar aplicar a dor segundo as ordens do dominador. Deste modo, o BDSM vai além da prática do sadismo e do masoquismo. É composto por diversas práticas que não têm, tão-pouco, de ser todas praticadas para se ser praticante de BDSM.

Guidroz (2008: 1771) e Cutler (2003) referem que a descoberta dos interesses sádicos ou masoquistas dos praticantes de BDSM, geralmente, ocorre nos primeiros vinte anos destes indivíduos, apesar de estes poderem “sair do armário” muitos anos depois. Contudo, a escolha entre os papéis de dominador ou submisso, ou a “orientação BDSM”, parece ser algo construído de acordo com aquilo que cada um é nas mais variadas facetas da sua vida. Segundo os praticantes, é algo que está relacionado com a personalidade de cada um. Também Mota (2011: 34) chegou a esta conclusão, afirmando que essa “posição é sustentada por uma série de características psicológicas e comportamentais que se mantêm relativamente imutáveis nas diversas esferas onde se movimentam”.

Entre os nossos entrevistados, essa tendência é confirmada, referindo-se que é algo que vão percebendo gradualmente. Cutler (2003: 100) nota que esse processo é uma “jornada difícil de autodescoberta”. Segundo a maioria dos entrevistados, essa “preferência” sempre esteve presente nas suas relações, mas foi a descoberta do mundo BDSM que veio dar um nome àquilo que já praticavam ou desejavam. Assim, a orientação BDSM não parece ter decorrido da experimentação de ambos os papéis, seguida de uma opção por aquela de que mais se gostou. De modo explícito, José (dominador) refere que

“O carácter dominante é algo que está dentro de mim e faz parte da minha personalidade e que se expressa no dia-a-dia, não foi uma descoberta”.

Sandra (dominadora) também defende que

“Não foi uma descoberta, foi uma revelação natural de algo que já era predominante numa relação a dois”.

Na literatura disponível, é referido que estas práticas representam, para quem as pratica, uma necessidade (Taylor e Ussher, 2001), um escape à vida “normal” (Baumeister, 1988; Weinberg, 2006) ou um estilo de vida (Cutler, 2003; Mota, 2011; Monteiro e Augusta, 2012). Entre os nossos entrevistados, as respostas dispersam-se pelas três opções mencionadas, havendo quem as classifique segundo as três em simultâneo. Daniel (submisso), por exemplo, refere que, para ele, a prática de BDSM representa

“Uma necessidade, um escape e uma atividade comum de casal”.

A opinião mais comum entre os entrevistados, todavia, é a de que o BDSM representa um estilo de vida e/ou a sua forma de viver a sexualidade, como explica Rosa (submissa):

“É a minha forma de viver a minha sexualidade. Já não consigo pensar em sexualidade que não desta forma. É através do BDSM que obtenho prazer sexual”.

Ao defini-lo como um estilo de vida, os praticantes de BDSM referem que é algo que vivem diariamente, uma prática mais ou menos constante nas suas relações, mantendo-se ativos na comunidade (não necessariamente em termos de participação, mas mais em termos de atenção àquilo que é lançado) e, acima de tudo, há uma interiorização das normas e valores desta subcultura.

Não havendo unanimidade na definição do que, realmente, são estas práticas e o significado que elas adquirem para quem as pratica, pensamos que a definição que Edmonds (2013) apresenta vem aqui mostrar-se bastante completa ao conter em si um pouco de todos os testemunhos. O autor afirma que “o BDSM é uma cultura, uma comunidade, um estilo de vida e uma identidade (...) É uma cultura distinta que contém um conjunto de normas e valores que diferem dos da sociedade em geral. É voltada para as trocas de poder consensuais e para a excitação num contexto teatral, mantido através de uma grande variedade de instrumentos e atividades. É estruturado em torno do consentimento, da abertura, da comunicação, da confiança e da segurança” (idem: 13).

Em suma, no meio BDSM “as preferências e as práticas são bastante variáveis e dependentes das ocasiões e dos significados pessoais” (Mota, 2011:12). Não existe um trajeto-tipo que resuma a iniciação nestas práticas, nem o autoconhecimento do papel de cada um. Em vez disso, existem diferentes pessoas, diferentes momentos e diferentes experiências. Podemos dizer que o BDSM representa, assim, uma subcultura ou uma comunidade, uma vez que “agrupa pessoas que participam em atividades de troca de poder, de *bondage*, quer físico, emocional e/ou mental, de disciplina com pleno consentimento” (Edmonds, 2013: 3) e que tem por finalidade a criação de prazer. Nele está envolvido um processo criativo de identidades e papéis. É, portanto, nestes termos que Foucault (2004: 271) considera o BDSM como sendo “verdadeiramente uma subcultura”, na medida em que “é um processo de invenção”. O autor entende que a sexualidade faz parte da liberdade de cada um, sendo a liberdade algo que cada um pode criar (idem: 260). Neste seguimento, afirma que “o sexo não é uma fatalidade, ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa”, permitindo instaurar novas formas de relações, bem como novas formas de amor (idem).

4.2 As relações amorosas entre praticantes de BDSM

Bauman (2004: 26-27) define o amor como “a vontade de cuidar e de preservar o objeto cuidado”, diferenciando-o do desejo: “se o desejo quer consumir, o amor quer possuir”. Numa definição mais completa, o sociólogo explica que “amar significa estar ao serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem. Mas também pode significar

expropriar e assumir a responsabilidade. Domínio mediante renúncia, sacrifício que resulta em exaltação. O amor é irmão siamês da sede de poder – nenhum dos dois sobreviveria à separação” (idem: 26).

Que lugar ocupa o sentimento amoroso na vivência de uma relação entre praticantes de BDSM? Ou, de modo inverso, que lugar ocupam as práticas BDSM na vivência de uma relação amorosa?

Ser praticante de BDSM não exclui uma vida amorosa plena, quer esta aconteça exclusivamente fora deste meio, quer entre praticantes. Conforme demonstrou Cutler (2003: 99), as relações amorosas entre praticantes são funcionais e bem-sucedidas, quer aconteçam entre casais em que o homem tem o comando da relação e a mulher assume o papel de submissa, quer na situação inversa. Contudo, a partir da observação de debates no *Fórum BDSM Portugal* acerca desta temática, vários membros partilham a ideia de que estas relações são “muito exigentes”, defendendo que

“A articulação entre as duas vertentes [amor e BDSM] exige um esforço grande e uma maturação relacional que demora tempo a alcançar” (“Y”, 3 de Janeiro de 2013).

O cerne da nossa análise foi, precisamente, as relações amorosas entre praticantes de BDSM, o que, como pudemos observar no *Fórum BDSM Portugal*, é um tema controverso. Nestes debates, as opiniões divergem. De um lado, estão aqueles que não admitem ser possível manter uma relação amorosa entre praticantes ou, pelo menos, ser esta algo difícil de alcançar, essencialmente devido ao facto de a componente emocional poder interferir em determinadas características ou no desempenho de cada um dos papéis. Um desses praticantes exemplifica:

“Pensemos na questão de se ‘magoar’ fisicamente alguém por quem se nutre um grande carinho... ou sofrer reprimendas também por alguém que se ama... São dois aspetos de difícil articulação e que, a meu ver, exigem uma excelente capacidade de autoconhecimento de cada um dos envolvidos” (“Y”, 3 de Janeiro de 2013).

O amor e a paixão são entendidos, por estes praticantes, como algo que existe fora das sessões, algo que se vive diariamente, não se aplicando numa encenação. Neste entendimento, sublinhamos a opinião de um praticante que afirma que,

“Quando gosto de alguém quero essa pessoa ao meu lado, não aos meus pés”
(“X”, 3 de Janeiro de 2013).

As práticas BDSM podem envolver dor, violência e jogos emocionais que podem não parecer compatíveis com a experiência amorosa. Numa perspectiva generalista, o amor está associado ao carinho, à compaixão e aos afetos, aspetos que parecem ser derrubados por aquilo que se pratica enquanto adepto de BDSM. No Fórum, o que observámos foi um número considerável de praticantes que deixa transparecer esta mesma ideia. Nesses casos, o entendimento das práticas BDSM como fuga ao mundo diário parece ser mais correto. Durante as “sessões”, tudo o que faz parte da vida diária dos envolvidos é deixado “à porta”. Lá dentro, há uma encenação que está ou será programada com os papéis de cada um bem delineados. No depoimento anterior de “X”, parece haver uma clara delimitação entre dois mundos: o mundo “real”, que corresponde à vida diária em sociedade, e o mundo “fantasiado”, aquele a que acede quando vai para uma sessão BDSM. Neste último, parece desejar um(a) parceiro(a) que esteja “aos seus pés”. Fora dele, deseja alguém que esteja “ao seu lado”. Enquanto na primeira situação prefere alguém que está, de certa forma, numa posição inferior à sua, na segunda, prefere uma relação aparentemente mais igualitária.

Para aqueles que defendem a possibilidade de se manter uma relação amorosa entre praticantes, é a componente emocional, o amor, a tornar a relação mais prazenteira e gratificante. Segundo eles, quanto maior for o envolvimento emocional, melhor será a prática do BDSM. No entender de um dominador,

“Amor + BDSM não castra a relação, muito pelo contrário, catapultada ainda mais longe. Para outro patamar, onde o conhecimento mútuo e a intimidade é muito superior do que se atinge numa relação baunilha” (“Z”, 3 de Janeiro de 2013).

Estes praticantes sublinham que são os sentimentos que elevam a outro nível os papéis que representam enquanto dominadores ou submissos, defendendo que,

“Se é verdade que com sentimentos envolvidos uma submissa tem uma maior pré disponibilidade para a entrega e dedicação, o mesmo se aplica ao Dom, que revela muito mais atenção e responsabilidade com aquilo que tem de mais precioso: a confiança que o outro lado lhe colocou nas mãos” (“Z”, 3 de Janeiro de 2013).

Para os que partilham desta opinião, a questão de alguém magoar ou “castigar” alguém de quem se gosta, ou a situação inversa, não é um argumento válido. Na opinião de um praticante,

“Mais importante do que pensar no castigo em si, é pensar em tudo o resto. O castigo é apenas uma consequência de algo. (...) Quando alguém ama uma pessoa ganha uma disponibilidade para pensar e ‘viver’ essa pessoa muito superior. Acho que isso fará da pessoa que ama um dominador(a) melhor porque se dedica mais, se entrega mais. Eventualmente por isso, causa-efeito, a parte submissa também se dedica mais e se entrega mais, e deixa de haver castigos” (“W”, 30 de Setembro de 2009).

O único ponto de consenso entre os praticantes diz respeito às relações que se estabelecem neste meio com o objetivo de participar em encenações com o mero propósito de se usufruir das práticas sem haver uma relação amorosa. Nestes casos, há consenso entre os frequentadores do Fórum, que admitem que importa que haja empatia ou o mínimo de afeto entre os envolvidos. Conforme expôs Zilli (2008), o ideal destes “jogos de poder” é despertar a sensação de entrega completa, havendo, portanto, uma dimensão moral e afetiva envolvida nestas práticas.

Sendo o nosso alvo de análise indivíduos praticantes de BDSM que se encontrassem numa relação com alguém também praticante, as suas opiniões convergem, naturalmente, para a opinião que favorece a ligação entre amor e BDSM. Nestas relações D/s (relações de dominação e submissão), usando o termo corrente neste meio, o relacionamento baseia-se, essencialmente, em quem manda e em quem obedece. A pessoa submissa da relação confia e entrega-se à pessoa dominadora e esta, por seu lado, tem a responsabilidade de gerir a vida daquela, com mais ou menos

extensão aos diversos aspetos que constituem as suas vidas. Deste modo, os papéis estão claramente definidos e a margem de manobra nestas relações e é aqui que se diferenciam das outras: na estrutura que cada casal define para a sua relação.

Ao nível da estrutura das relações, o casal pode definir um maior ou menor grau de dominação/submissão. Como grau mais elevado existem as relações 24/7, ou seja, relações em que a pessoa dominante tem total controlo sobre a pessoa submissa durante as 24 horas dos dias, 7 dias por semana, durante o tempo que decidirem, se não mesmo “para sempre”, se assim o quiserem. A pessoa dominante pode comandar desde o que a pessoa submissa faz durante o seu dia, com quem fala, como se veste, etc., sem que haja pausas nesse controlo. Diferentemente, há relações em que o grau de dominação/submissão é menor, com menos extensão à individualidade de cada um. Nestas, a dominação pode acontecer somente no que toca ao sexo e ao prazer, por exemplo.

Do conjunto de entrevistados, nenhum casal se assumiu explicitamente envolvido numa relação 24/7. Todavia, ao longo das entrevistas, pudemos constatar que a dominação existente entre alguns casais não se cingia unicamente ao prazer e ao sexo, mas ampliava-se a alguns aspetos da vida diária. Enquanto uns reservam a relação D/s para quando estão na intimidade dos seus quartos, outros estendem a dominação ao dia-a-dia sem, contudo, chegar a um grau de total controlo. Do conjunto de entrevistados, fazem parte indivíduos numa relação amorosa com diferentes graus de dominação/submissão, mas, em maioria, estão aquelas relações em que o controlo não está limitado à intimidade do casal.

Enquanto indivíduos envolvidos numa relação com alguém também praticante, os entrevistados assumem que a idealização de uma relação com alguém com gostos semelhantes neste campo era algo que desejavam quando descobriram este mundo. Contudo, referem a consciência de que tal poderia não ser concretizável, pela dificuldade de encontrar alguém disponível que estivesse de acordo com os seus gostos e preferências, ou mesmo pela ideia de que conjugar a componente amorosa com estas práticas seria difícil. Paula (submissa) pensou que isso poderia não ser possível, uma vez que

“Era impossível até encontrar alguém assim. É uma combinação de elementos difícil: alguém que seja praticante na minha categoria (fetiches), que queira uma

relação amorosa, que se apaixone por mim e eu me apaixone por ele, que combine aquela mistura improvável de elementos que possibilitasse a minha entrega”.

Há praticantes que afirmam, de acordo com o que vimos a partir da análise do *Fórum BDSM Portugal*, ser o envolvimento emocional a melhorar o desempenho dos envolvidos nas práticas, trazendo benefícios para a relação enquanto casal, como conhecimento mútuo e uma grande intimidade. A grande diferença entre um relacionamento D/s e um relacionamento “baunilha” prende-se, primeiramente, com a dinâmica de ambas. Numa relação D/s, há o estabelecimento concreto e claro de que um dos elementos do casal é o dominador e, como tal, tem o poder de comandar o outro elemento com o consentimento deste. Numa relação “baunilha”, existindo ou não um elemento com mais poder sobre o outro, ele é implícito, não estabelecido ou acordado explicitamente entre ambos. Este é o aspeto diferenciador mais evidente que acaba por comandar todo o relacionamento. Esta diferenciação é marcada ao nível da intensidade com que o casal vive a relação e não tanto pela sua forma. Por outras palavras, estas relações estabelecem-se na base da responsabilização e da entrega, o que acaba por, de forma mais ou menos subtil, ter implicações na estrutura da relação ao nível dos sentimentos, do comportamento do casal e da sexualidade. Ao nível dos sentimentos, os entrevistados referem que há um reforço dos mesmos, criando-se uma maior cumplicidade e intimidade que acaba por se refletir e melhorar a satisfação sexual do casal. Ao nível do comportamento, é sublinhado que há mais paciência, mais prazer, mais gozo dos momentos a dois, mais calma e menos inseguranças. Segundo Daniel (submisso),

“O BDSM oferece um conjunto de rituais que quem os sente e pratica tem, no fundo, ferramentas para tornar mais forte o relacionamento”.

De facto, Zilli (2008: 7) refere que, na prática do BDSM, a confiança e a intimidade são consideradas necessárias, uma vez que a experiência destas práticas ocorre, geralmente, “num grau de profundo comprometimento, em que a estimulação emocional tem um papel fundamental”. A par disso, Cutler (2003) referiu que as práticas BDSM conjugam uma dimensão sexual e uma não sexual, sublinhando a pouca referência dada ao significado não sexual destas práticas por quem estuda a temática.

Nas relações D/s, o significado não sexual é expresso, precisamente, por aquilo que Daniel diz: o facto de, na prática de BDSM, existirem rituais e princípios que, transpostos para a relação amorosa, podem servir de “terapia” para o casal.

Dos testemunhos conseguidos, percebemos que o que acontece numa relação D/s é que os papéis de cada um são claros para ambos. Pressupõe-se que não haja inibições, nem insatisfações de nenhum dos elementos do casal, pois as questões devem ser faladas e partilhadas. Só deste modo se considera ser possível haver a entrega de um e a responsabilização plenas do outro. Daniel (submisso) esclarece que,

“Se a minha companheira/ Dona lhe apetece que eu faça algo, não tem de ficar com qualquer problema em consciência por o pedir. Simplesmente, ordena. Eu, do meu lado, tiro a minha satisfação em obedecer”.

Os valores considerados, pelos entrevistados, necessários numa relação amorosa não se mostram necessariamente exclusivos a este tipo de relações: a honestidade, a abertura, a confiança, o bom senso, o respeito, a empatia e a cumplicidade. Já a comunicação aberta entre o casal parece ser considerada o requisito mais importante das relações amorosas BDSM. De modo geral, não somente nestas relações, a comunicação é entendida como “uma dimensão interpessoal que auxilia na constituição do sentimento amoroso” (Oltamari, 2009: 672). Na constituição do sentimento amoroso, a comunicação entre os envolvidos tem a importante tarefa de permitir que um se revele ao outro, pelo que “de alguma forma, a exposição faz com que se alimente a confiança entre as pessoas” (idem: 675). Porém, nestas relações, nas quais há uma negociação de poder entre os envolvidos e onde há a prática de atividades com riscos físicos e/ou psicológicos explícitos, a comunicação sincera e contínua entre o casal parece ser o elemento-chave para o seu sucesso e durabilidade. Isto é também confirmado por Cutler (2003: 112), que afirma que a necessidade de comunicação pode ser maior nestas relações, essencialmente devido ao potencial de risco existente nos *Plays*. Ainda Cutler (idem: 34) mostra que estes casais atribuem um grande valor à comunicação contínua e aberta. Essa abertura entre o casal reflete uma certa transparência no seu seio, com a divulgação dos sentimentos e das necessidades de cada um (idem: 105). Por meio dessa transparência, o elemento dominador da relação pode tomar decisões adequadas às

vontades do submisso. Paula (submissa) sublinha a importância da comunicação, reforçando que, numa relação D/s, ela é particularmente importante:

“A parte dominante tem de estar em posse de todas as informações para poder tomar as melhores decisões. Se estivermos a falar, então, numa relação de sádico/masoquista é ainda mais importante porque pode ter consequências físicas muito reais”.

Defendendo representar a prova concreta da possibilidade de manter uma relação amorosa com outro praticante, os nossos entrevistados referem que a existência do sentimento amoroso nestas relações é, para eles, algo benéfico. A possível “interferência” do sentimento amoroso, apontada por muitos praticantes nos debates presentes no Fórum, é inválida para os nossos entrevistados, que contra-argumentam, dizendo que essa “interferência” não é negativa, na medida em que não invalida a existência de “punições”, nem a menor intensidade dos Plays. Contudo, no discurso dos mesmos, há uma certa contradição no que toca a esta questão. Os excertos seguintes mostram a pretensão de fazer prevalecer uma ideia positiva da “interferência” do sentimento amoroso, defendendo-se que é, precisamente, esse sentimento que enriquece a relação D/s:

“Ao haver a relação amorosa, dá um sentido muito mais completo à entrega na submissão” (Daniel, submisso).

“O sentimento amoroso não ‘interfere’ negativamente. É porque eu amo o meu Dono que me entrego e lhe dou tudo” (Paula, submissa).

Mas o facto é que os seus discursos acabam por confirmar essa “interferência”, mesmo que evitem admiti-lo explicitamente. Podemos comprovar isso no discurso de Ana (submissa) quando nos explica que

“Não interfere, apenas altera... O peso dos atos, das palavras e até dos pensamentos (...) se não houvesse a relação que há, a cumplicidade, o conhecer

realmente para além do play, sei que o meu 'mau comportamento' teria um impacto muito diferente”.

Assim, embora os entrevistados não queiram deixar transparecer que, de facto, há coisas que se alteram, que têm interferência nas práticas de BDSM do casal, o que verificámos é que o papel do dominador, por exemplo, pode ficar, de algum modo, condicionado. Os nossos entrevistados entendem essa interferência como o resultado de haver “mais compaixão” entre o casal no desenrolar da cena, podendo anular o desenvolvimento de determinadas práticas, como seja a dominação psicológica, principalmente, mas também a física.

No que se refere ao caso particular das relações atuais dos nossos entrevistados, verificámos que, em comum, têm o facto de estes terem conhecido os seus parceiros *online*, tal como acontecia no estudo de Cutler (2003). Concluímos que tal se deve ao secretismo deste meio e à proteção oferecida pela *internet*, assim como às festas/jantares dedicados ao BDSM, onde há maior confiança para desenvolverem uma intimidade fiel às suas preferências. Nesses meios, os indivíduos sabem que estão a contactar com pessoas que partilham os mesmos interesses no que toca ao prazer e à sexualidade.

No que se refere ao desenvolvimento das relações BDSM, é nos convívios, nomeadamente jantares ou festas, que o conhecimento face a face acontece. A empatia que referem ter-se desenvolvido em conversas *online* acaba por se consolidar com alguns encontros e até mesmo com a prática de sessões. Contudo, os entrevistados sublinham a importância de uma comunicação aberta e constante entre os parceiros desde o início da relação. No estudo de Cutler (2003: 31-2), o autor sugere que a divulgação dos interesses BDSM acontece bem cedo na relação, pelo que não é incomum estes casais apresentarem uma alta correlação de interesses e de conhecimento dos interesses do parceiro, não havendo uma influência significativa a partir da orientação de cada um. Nos nossos testemunhos, é recorrente a ideia de que a relação apenas foi possível por serem ambos praticantes e se completarem nesse aspeto. Corroborando esta ideia, Cutler (*idem*: 48) refere que a atração principal entre estes indivíduos e o que os faz reconhecer alguém como “o parceiro ideal” é, antes de tudo, o interesse por estas práticas.

No que toca às questões de autonomia e de autodeterminação presentes nestas relações, verificámos que há quem não acredite, de todo, em relações 24/7, defendendo que, numa relação, deve haver momentos de pausa que permitam a cada um ter o seu espaço, como refere Daniel (submisso):

“Uma relação pode ser vivida todo o dia e a toda a hora, mas tem sempre de haver momentos de pausa em que cada pessoa tem o seu espaço e para realizar-se nos seus objetivos”.

Outros consideram que a opção de deixar nas mãos do outro a própria vida é uma forma de autonomia e de autodeterminação, uma vez que parte do próprio submisso essa decisão. É o caso de Ana, uma submissa que defende que,

“Como ser autónomo, eu opto por deixar nas mãos do outro a minha vida... porque nada acontece sem que eu assim o deseje ou aceite... O que penso e o que sinto são sempre motivo de troca de impressões e incorporado no que fazemos. Se algo me desagrada, imediatamente é colocada em cima da mesa a opção de não se repetir”.

Para os entrevistados, a autonomia e a autodeterminação dos envolvidos na relação representam aspetos importantes “exigidos” à parte submissa. Ressalvam que, antes de mais, os sentimentos de bem-estar e realização pessoal são aspetos que desejam que os seus parceiros alcancem, nomeadamente em termos profissionais e em determinados aspetos da vida de cada um que exigem autonomia. Um dominador refere que

“A minha autoridade enquanto dominante estende-se a todas as áreas: trabalho, saúde, lazer, família, sexo. Não há, nesse aspeto, limites. Mas a minha ética impõe os limites do bem-estar da minha submissa: quero que, a cada dia, ela esteja e seja melhor pessoa... Mais bem-sucedida profissionalmente, com melhor saúde, melhor estabilidade sociofamiliar, mais culta e conhecedora, sexualmente realizada, etc.” (Rui, dominador).

Neste seguimento, verificámos que há limites nestas relações. O tempo com a família (filhos, por exemplo) e o tempo profissional são os principais aspetos a que a relação D/s não se estende, na maioria dos casos. De resto, os limites são negociados a dois e esporádica ou diariamente falados, sublinhando os entrevistados, sobretudo, uma preocupação com o bem-estar dos parceiros e a necessidade de tomar decisões em função disso. Ao longo das entrevistas, foi bastante referida a preocupação com o bem-estar e crescimento pessoal dos parceiros nos mais variados aspetos das suas vidas.

Para Rosa (submissa), o limite da dominação é ultrapassado quando o dominador faz algo que o submisso não quer, pelo que compete a este informar sempre o dominador das razões que o levam a não querer fazer determinada coisa, acrescentando que

“O dominador tem que aceitar, sempre, a vontade do submisso, porque, se assim não for, deixa de ser BDSM”.

Rui (dominador) afirma que os limites na dominação são os do bom senso e o critério é o da razoabilidade, notando que

“Defino que tenho por objetivo o bem-estar absoluto da pessoa com quem estou e todas as minhas decisões são tomadas em função disso, mas está pré-estabelecido que intervenho onde quero, quando quero”.

José (dominador) apresenta uma visão um pouco diferente sobre este aspeto, mas que também está presente nalguns debates no *Fórum*. Ele afirma que os limites dependem de cada momento, cabendo ao dominador saber levar o submisso a querer fazer aquilo que o dominador quer que seja feito, dando, assim, a ideia de que a questão dos limites está dependente da capacidade de persuasão do dominador:

“Para mim, não é diferente daquilo que nos faz apaixonar e fazer tudo quando estamos apaixonados. Só reunindo um conjunto de premissas, pela forma como ela vê o Dom [dominador], as suas ações, a sua transparência, o ter confiança, etc., é que a levarão a ter prazer em fazer aquilo que o Dom queira, mesmo que ela inicialmente não o pense dessa forma”.

De facto, na literatura científica, sublinha-se que o poder, no BDSM, “não é um atributo, é relacional e implica sempre reciprocidade e negociação” (Mota, 2011: 42). Nesta perspetiva, o poder dentro das relações de BDSM, quer sejam amorosas ou não, corresponde a uma “situação estratégica complexa”, tal como Foucault (1992) a define. Todavia, o fator “persuasão”, ainda que raramente admitido pelos entrevistados, é, muitas vezes, confirmado nos debates do Fórum e nalguns trabalhos científicos sobre a temática (Mota, 2011). Assim, cremos que o poder que se estabelece nestas relações vai de encontro à definição clássica de poder que Weber (1985: 102) concebeu: “a probabilidade de, dentro de uma relação social, impor a vontade própria mesmo contra a resistência, seja qual for o fundamento dessa probabilidade”. Nesta perspetiva, qualquer pessoa pode alcançar uma posição que lhe permita “impor a sua vontade numa dada situação”, pelo que existem diferentes motivos para que uma “ordem” seja cumprida, quer seja por motivos relacionados com interesses, quer seja por “costume” ou, ainda, por motivos “puramente afetivos” (Weber, 1922: 8).

No que se refere às práticas BDSM, o poder exercido parece recair sobre motivos pessoais, o que, na ótica de Weber (idem: 9), corresponde a um tipo de poder que encontra a sua legitimidade no “carisma”. Nas relações D/s, o submisso obedece ao seu dominador porque vê nele qualidades que o levam a aceitar prazerosamente as suas ordens. Deste modo, um dominador só vê as suas ordens serem acatadas porque o submisso lhe dá reconhecimento para tal. Neste sentido, as relações BDSM correspondem a relações sociais que expõem uma dinâmica de poder que envolve reciprocidade e negociação (Mota, 2011: 42).

Entendemos, portanto, que a legitimidade do poder do dominador é sustentada por qualidades deste que são vistas pelo submisso, de alguma forma, como únicas ou especiais. Por outro lado, cabe ao dominador saber usar os seus “poderes” para levar o submisso a fazer o que quer. Esta persuasão na dinâmica de poder nas relações D/s vai de encontro à conceção de Weber sobre o poder carismático. Weber (1922: 11) nota que este tipo de poder é “de caráter plenamente autoritário, dominador”, o que nos leva a crer que a questão da autonomia e da liberdade nestas relações poderá não acontecer exatamente da forma como nos é apresentada pelos entrevistados.

Weber (idem: 11) refere que o exercício do poder legitimado pelo carisma acontece somente se houver reconhecimento pelo subjugado, sendo que “o pressuposto fundamental é a comprovação”. Deste modo, um dominador deve saber usar o seu poder, demonstrando continuamente as suas qualidades. Não queremos passar a ideia de

que as qualidades que um dominador possa demonstrar sejam falsas ou encenadas, queremos apenas reforçar que estas relações se estabelecem através de uma dinâmica de poder que só acontece quando ambos os envolvidos na relação agem mutuamente, havendo, portanto, negociação e reciprocidade. Caso contrário, seriam relações abusivas, na medida em que um dos envolvidos estaria obrigado a cumprir as “ordens” do parceiro.

De facto, a ideia que nos passam sobre a autonomia e a liberdade é que são algo real para o submisso. Os submissos entrevistados referem ser livres e autónomos nas suas relações e os dominadores sublinham a preocupação com o bem-estar dos seus parceiros, assim como com a realização pessoal destes. Para tal, referem oferecer-lhes espaço para serem autónomos e livres em determinados aspetos. Contudo, essa liberdade e essa autonomia não passarão exatamente disso: uma concessão. Há negociação entre o casal, mas o pressuposto destas relações é que o dominador detém o poder na relação, pelo que, em rigor, estas relações nunca são igualitárias, nomeadamente pelo facto de as relações D/s analisadas aqui estenderem a parte D/s para além das quatro paredes do espaço privado.

Os discursos dos praticantes de BDSM são muito semelhantes entre si, quase passando a ideia de que há uma teoria que todos aprendem e que é exposta a quem não pertence a esse meio. No conjunto de entrevistados, essa ideia emergiu mais vincadamente quando separámos o testemunho de submissos e de dominadores, constatando que as ideias dos dominadores são muito semelhantes entre si, tal como entre submissos. A este propósito, Becker (1966: 41) elucida-nos que os grupos considerados “desviantes” pela sociedade dominante recorrem a uma “linguagem estilizada” e que “as motivações desviantes têm um carácter social mesmo quando a maior parte da atividade é realizada de uma forma privada, secreta e solitária”. Assim, o indivíduo inserido numa subcultura aprende a participar nela através da interação com outros membros, procurando “racionalizar a sua posição” (idem: 48). Quando elementos dessa subcultura interagem, “é provável que desenvolvam uma cultura constituída em torno dos problemas decorrentes das diferenças entre a sua definição do que fazem e a definição adotada por outros membros da sociedade” (idem: 91). Assim, afirma que “a maior parte dos grupos desviantes tem uma fundamentação autojustificativa (ou ‘ideologia’)” Becker (idem: 48)

Também Zilli (2008) refletiu sobre os discursos que os praticantes de BDSM usam para legitimar as suas práticas. Zilli (idem: 9) refere que “os sentimentos de

confiança, diálogo, cumplicidade e o próprio tipo de submersão no outro – e submissão ao outro – presentes no ideal BDSM parecem constituir uma ‘ética romântica’ que permanece subjacente a esse discurso de legitimação”. Embora os praticantes justifiquem a sua participação nestas práticas “de risco” com o argumento de estarem conscientes de tudo o que as envolve e por as consentirem, Zilli (idem) nota que é, principalmente, “a dimensão moral e afetiva que negocia o mecanismo de exercício do livre-arbítrio”. Assim, Zilli (idem: 2) remata que “o campo dos sentimentos, com a sua linguagem essencializada do espiritual e do imponderável, é uma maneira possível de dar forma aceitável e comunicável à submissão ao perigo”.

Também Melo (2010: 81) dá conta das questões ligadas aos discursos dos praticantes de BDSM, referindo que é visível o desenvolvimento de um discurso ligado às vantagens de se ser um praticante, exteriorizando-se a ideia de que o BDSM é “um universo mais livre, com pessoas mais informadas e menos reprimidas sexualmente”. Neste sentido, levanta-se a questão de saber se, de facto, as relações D/s serão tal e qual como nos são mostradas, nomeadamente no que respeita às questões da autonomia e da liberdade. Especificamente, a questão da persuasão do dominador parece ser o elemento-chave para desvendar até que ponto há, realmente, liberdade e autonomia nestas relações.

4.3. As relações amorosas entre praticantes à luz do conceito de relação pura

As relações D/s partilham certos aspetos da relação pura, indo, também, de encontro ao que constitui o amor confluyente, nos termos definidos por Giddens (1992). Segundo Soller (2010), o ideal de “relação pura” pode ser decomposto em quatro dimensões principais: intimidade, igualdade, satisfação e autonomia/autodeterminação. Dentro de cada uma destas dimensões, Soller (idem) identifica determinados parâmetros. No que toca à intimidade, os parâmetros de análise correspondem à comunicação, à confiança, à sintonia emocional⁷, à atenção reflexiva⁸ e à sexualidade plástica. Relativamente à igualdade, está implícita a troca de poder que estrutura estas relações. Já no que respeita à satisfação, são tomados em consideração os aspetos positivos e negativos das relações. Por último, referentemente à autonomia/autodeterminação, a análise foca-se nas questões de independência entre os parceiros e de não interferência nos ideais e convicções individuais. Ressalvamos que aqui se apresenta uma adaptação do trabalho de Soller (2010), na medida em que a ele recorremos com o objetivo de operacionalizar o conceito de “relação pura”.

No discurso dos entrevistados, os aspetos com mais destaque são os que estão ligados à intimidade: comunicação aberta e continuada, confiança e atenção reflexiva. No que se refere à sintonia emocional, particularmente, não foi possível adquirir dados suficientes, uma vez que apenas tivemos contacto com um dos elementos do casal. Neste parâmetro, especificamente, pensamos que, mais do que os restantes, importaria ter os depoimentos de ambos.

Sabemos que o princípio básico das relações BDSM é a dinâmica de dominação/submissão, através da qual, desde logo, a igualdade entre os membros do casal é anulada. Giddens (1992: 99) supunha que as questões de dominação, em relações sadomasoquistas, estariam limitadas à sexualidade e seriam utilizadas como fantasia na interação sexual, o que não parece ser aplicável às relações D/s. Talvez o seja para aquelas relações que se mantêm somente durante as encenações. No caso das

⁷ Nos termos de Giddens (1992), a sintonia emocional corresponde ao que ele denomina “democracia emocional” que se baseia na noção dos sentimentos e ideais próprios e do parceiro.

⁸ Corresponde à preocupação e esforço que dedicam ao relacionamento, em si, e ao parceiro.

relações analisadas, a dominação adquire um carácter bastante real e é aplicada para além da sexualidade. Ana (submissa) descreve a sua relação D/s da seguinte forma:

“Tenho horas de recolher e regras para o fazer. Há coisas para as quais tenho que pedir permissão. Por exemplo, para falar com quem seja fora do meio, quer pessoalmente, quer por mensagem, quer comentando algo que escreveu (...) Se vou fora em trabalho, aviso sempre aonde vou. Quando fico livre inesperadamente, também. Tenho uma tarde livre de que apenas faço uso pedindo e assegurando que a minha presença não será requerida, nem me será dada qualquer tarefa”.

O poder, na relação de Ana, recai claramente no seu dominador. É ele quem detém grande parte do controlo da sua vida. Esta descrição expõe um controlo rigoroso sobre a submissa, que deve seguir instruções sobre como agir no seu dia-a-dia, quer em termos de gestão de tempo, quer em termos de mobilidade e sociabilidade.

Outra submissa explica estas relações dizendo que,

“Numa relação D/s, a parte submissa é da parte dominadora. Ou seja, a parte dominadora usa, da forma que quiser, a parte submissa; da forma que quiser e para o que quiser. A liberdade, a escolha, a opção, foi deixada à porta antes do momento em que se aceitou entrar numa relação assim. (...) A verdade é que tudo se encaixa, sem forçar” (Paula, submissa).

No entender de Paula (submissa), o poder, na sua relação, assenta no princípio de que, nas relações D/s, a submissa entrega a sua liberdade ao dominador. Para o estabelecimento do poder, tal como no caso de Ana, ele é entregue, de livre vontade, ao dominador e as coisas parecem resultar de forma fluída a partir dessa entrega. Para esta dinâmica de poder, Rosa, também submissa, refere que se deve ter em atenção a vontade do submisso, que, no meio disto tudo, também tem o seu poder, afirmando que

“O dominador tem de aceitar, sempre, a vontade do submisso, porque, se assim não for, deixa de ser BDSM e passa a ser abuso de poder” (Rosa, submissa).

Na perspectiva de um dominador, o equilíbrio está na noção concreta de quem manda e quem obedece, mas o princípio básico de que é o dominador quem comanda, está sempre presente. Rui (dominador) refere que,

“Se eu quiser, posso exercê-lo [poder], mas não preciso de o fazer para me sentir bem, nem a pessoa com quem estou precisa que o faça para se sentir dominada. (...) Está em causa uma relação séria em que se sabe quem manda e quem obedece e os limites estão pré-estabelecidos e são desejados por ambas as partes”.

No caso de Pedro (dominador), a igualdade é pouco repartida, principalmente num aspeto, em concreto:

“Posso ter submissas e fazer sessões com elas, mas não encoleirar. Por outro lado, a ‘Q’ [sua atual companheira] não pode ter outro dominador”.

Comparando os discursos de submissos e dominadores, enquanto os primeiros apontam restrições e regras, os segundos falam da liberdade que têm em relação ao submisso. É observável que não há igualdade entre os envolvidos no que refere, pelo menos, à questão da dominação e esta não se refere exclusivamente ao campo sexual. Porém, o poder não é um atributo, mas uma relação (Mota, 2011: 42). Mota (idem) havia refletido sobre o possível “carácter absoluto do poder”, concluindo que a maioria dos seus praticantes não o consideram nesses termos. Em vez disso, defendem que tanto o dominador, como o submisso são detentores de poder, só que de formas diferentes. Essa igualdade entre os dois poderá ser considerada em termos de expressão de vontades e não tanto de ações.

A questão da autonomia e da autodeterminação nas relações D/s está muito associada às questões do poder e dos seus limites. Conforme o grau de dominação/submissão estabelecido na relação, tomando em conta os limites acordados, a autonomia dos submissos é regida segundo esses termos. Falamos no caso dos submissos porque o dominador aparece como mais independente em comparação com aqueles. Quanto à autodeterminação, é algo referido como sendo exigido dos dominadores aos submissos, tendo em vista o seu “bem-estar” e desenvolvimento pessoal. Paula (submissa), nota que

“É possível eu ser autónoma e determinada nas minhas ações e convicções. A minha profissão assim o exige, a minha vida assim o exige (...) A minha relação reforça a minha autonomia nesse sentido. Permite-me ser autónoma. Há relações D/s que favorecem o contrário. Depende do objetivo”.

Parece, contudo, que a autonomia e a autodeterminação dos submissos, não só são algo que os dominadores “lhes exigem”, como há fatores externos, contextos sociais, onde o dominador “não deve” interferir. Rui (dominador) explica que,

“Se a pessoa com quem estou tem uma carreira profissional estável e definida numa área que desconheço, não há qualquer razão para eu intervir numa área em que ela, objetivamente, tem mais e melhor informação do que eu. Por isso, é mais capacitada para tomar decisões”.

Assim, parece existir uma certa autonomia e autodeterminação nestas relações, na medida em que há espaços onde o submisso age livremente, quebrando, de algum modo, nesses tempos, a relação D/s. Isto acontece, nomeadamente, no espaço profissional. Esta é, pelo menos, a ideia que os entrevistados transmitem. As relações D/s definem-se por uma dinâmica de poder que, idealmente, não será unilateral, na medida em que há negociação. Todavia, é o dominador que detém o poder, colocando-se a hipótese de que, se há autonomia e autodeterminação, é porque o dominador entrega essa possibilidade ao submisso. Como nos disse uma submissa, a partir do momento em que se escolhe entrar numa relação destas, tudo é entregue ao dominador. Desta forma, torna-se difícil saber até que ponto um submisso é, de facto, autónomo e autodeterminado nas relações D/s que se estendem ao quotidiano dos envolvidos.

Tendo em conta que não pudemos ter o depoimento de ambos os envolvidos nas relações, a questão da satisfação com a relação não pôde ser aferida. Apesar disso, os nossos entrevistados demonstram estar satisfeitos com as suas relações. Todavia, é referido, em vários casos, que a mesma só foi concretizável na medida em que os parceiros eram também adeptos de BDSM, concordando, assim, com as conclusões de Cutler (2003). A satisfação com a relação é, primeiramente, remetida para esse aspeto.

Nalguns casos, a satisfação resulta também do contributo que a estrutura e os rituais BDSM trazem para a relação amorosa em si. Daniel (submisso) refere que

“O BDSM traz rituais de aproximação e práticas de grande intimidade à relação”.

Também em concordância com os resultados alcançados por Cutler (idem), os aspetos considerados pelos entrevistados menos bons nestas relações prendem-se com o pouco tempo que a vida quotidiana lhes deixa para viver a dimensão de dominação/submissão da relação. Também aqui verificámos que este é um aspeto geralmente referido pelos submissos, como Ana:

“Seremos ambos imensamente ocupados e os tempos nem sempre coincidirão”.

Por outro lado, os dominadores tendem a referir como aspetos menos bons a exigência que decorre da responsabilidade do papel que assumem. Segundo Rui (dominador),

“O único ponto menos bom é o trabalho que dá. É muito difícil estar sempre atento a tudo, estar a par de todos os acontecimentos e sinais, acompanhar a literatura científica relevante, conhecer todos os detalhes da vida da outra pessoa como se fosse a nossa própria vida”.

No que toca aos aspetos positivos, são apontados a cumplicidade, o apoio, o companheirismo, o sentido de entrega e de proteção. Podemos, então, concluir que, no caso dos nossos entrevistados, há satisfação com a sua relação.

No desenrolar das entrevistas, um dos aspetos mais destacados é a preocupação com o “bem-estar” dos parceiros e a dedicação à relação, mais referidos pelos dominadores. Assim, a atenção reflexiva parece ser o parâmetro mais presente nestas relações, talvez porque facilmente se pode associar ao sentido de entrega/responsabilização e a tudo o que isso implica. A atenção reflexiva corresponde à preocupação e ao esforço que os parceiros dedicam ao relacionamento em si e à pessoa com quem estão, pelo que esse sentido básico das relações D/s parece expor-se a partir duma “atenção reflexiva” dos seus envolvidos. Ana (submissa) explica que

“Ele antecipa o que me vai perturbar e pressente quando vou fugir para o meu lugar de paz e, muitas vezes, liga para me enxotar dali para fora, se for caso disso”.

Rui (dominador) apresenta a preocupação com a sua submissa e a dedicação ao relacionamento de outra forma, afirmando que

“Quero que, a cada dia, ela esteja e seja melhor pessoa: mais bem-sucedida profissionalmente, com melhor saúde, melhor estabilidade sociofamiliar, mais culta e conhecedora, sexualmente realizada, etc. Se e quando a relação termina, a pessoa com quem estou terá de ser mais estável, mais bem-sucedida e mais feliz do que quando se entregou a mim pela primeira vez, é essa a minha obrigação enquanto dominador”.

É comum, no discurso dos entrevistados, a ideia de que uma relação D/s bem-sucedida passa muito por uma boa comunicação entre os parceiros. Para tal, espera-se que seja sincera e continuada, principalmente de modo a que o dominador tenha um bom conhecimento do que o submisso pensa e sente. Com isso, a satisfação de ambos estará, em princípio, garantida. Uma dominadora fala da comunicação entre o casal, dizendo que

“As questões comuns resolvem-se a conversar. São rejeitados automaticamente comportamentos ‘nervosos’ ou de insegurança e, quando existem, são, de forma franca, apontados pela outra parte: a expectativa é de que Dominador e submisso se ouçam na relação” (Sandra, dominadora).

Nestas relações, se o poder está mais inclinado para o dominador da relação, a confiança estará mais vertida no submisso. O parâmetro da confiança está mais associado ao papel do submisso, na medida em que é a este que cabe o papel da entrega. Idealmente, ninguém se entrega a alguém em quem não tem confiança. Nas nossas entrevistas, o aspeto da confiança quase não é referido pelos dominadores ou, pelo menos, não é referido como um atributo do seu papel. Inversamente, no discurso dos submissos, é um aspeto de regular menção. No testemunho de uma submissa, a questão da confiança é baseada na sua entrega e suportada pela noção do cuidado que o seu dominador tem com ela:

“Confio no meu Senhor plenamente, porque sei que cuida de mim” (Ana, submissa).

Uma outra submissa explica em que consiste a confiança que deposita no seu dominador, contando que

“Não há barreiras. Eu não posso esconder nada. Estou totalmente desprovida de barreiras, proteções, muros. Os meus sentimentos estão a nu, a cru, em carne viva. As emoções são esticadas, faladas abertamente, aprofundadas” (Paula, submissa).

Neste sentido, a confiança será um atributo associado à base de responsabilidade/entrega que define estas relações. A par disso, a ligação amorosa também parece ter peso sobre a confiança, na medida em que se pode notar inter-relação entre as noções de entrega-confiança-amor no discurso de alguns entrevistados.

Podemos afirmar que as relações D/s parecem ter, de fato, muitos aspetos característicos da relação pura. O que retemos é que a própria prática de BDSM, por si só, “exige” determinados aspetos constituintes da relação pura, como sejam a abertura ao outro através de uma comunicação sincera e transparente, a confiança e a atenção reflexiva. Conforme referiu Giddens (1992), este é um ideal mais facilmente presente em relações “novas” que se encontram fora dos moldes tradicionais de relacionamento. cremos, portanto, que o BDSM, enquanto “jogos de poder”, pode ser um meio de desenvolvimento de relações puras. Por outro lado, as relações amorosas de dominação e submissão, quando se estendem à vida quotidiana, parecem conjugar certos aspetos dos relacionamentos convencionais com um número considerável de características das relações puras. Como referiu Zilli (2008), o ideal destes “jogos de poder” é despertar a sensação de entrega completa, havendo, portanto, uma dimensão moral e afetiva implícita nestas práticas. A negociação de limites e a confiança requeridas nestas práticas podem criar um tipo muito intenso de intimidade e estabelecer uma relação muito forte (McClintock, s.d.: 111). Embora alguns praticantes entendam que, neste meio, a ligação entre amor e BDSM é difícil de conjugar, havendo mesmo quem negue, de todo, essa possibilidade, o facto é que a prática de BDSM permite, se não mesmo “exige”, o estabelecimento de algum tipo de ligação afetiva entre os envolvidos.

Conclusão

Iniciámos esta investigação com a questão de saber como se desenvolve uma relação amorosa no meio BDSM e como é incorporado o BDSM nessas relações. A investigação pretendeu, assim, debruçar-se sobre os relacionamentos amorosos entre praticantes de BDSM. A metodologia seguida foi a qualitativa, uma vez que serve para analisar as experiências e os sentidos de ação dos atores sociais, valorizando mais os significados do que a frequência dos fenómenos. Sendo o nosso tema as relações amorosas, esta é a metodologia mais adequada para o desenvolvimento da investigação, permitindo alcançar os significados, os modos de comportamento, as razões desses comportamentos, os quadros de referência dos envolvidos nestas relações.

O método utilizado foi o estudo de casos com carácter exploratório. Este método caracteriza-se por uma análise intensiva de um fenómeno, ou pela sua descrição, sendo adequado para temas ainda pouco explorados. É, ainda, adequado para investigações que pretendem compreender o fenómeno em estudo, em detrimento da sua quantificação. O estudo de casos pode servir como base para novas investigações, na medida em que permite desenvolver hipóteses e proposições. Contudo, não permite fazer a generalização dos resultados. Apesar disso, este método, não se aplicando a populações alargadas, tem aplicabilidade para proposições teóricas.

Para a recolha dos dados, foram privilegiadas as técnicas de observação e de entrevista. A observação decorreu num fórum da comunidade portuguesa de BDSM, que serviu como porta de entrada na comunidade em estudo. Foi conduzida segundo os moldes de uma etnografia virtual e correu de acordo com o esperado. Por outro lado, as entrevistas fugiram um pouco daquilo que tínhamos traçado. Estas foram conduzidas em linha através de mensagens de correio eletrónico, o que não era o plano inicial. Esta opção decorreu do facto de os indivíduos a que pretendíamos chegar serem de difícil acesso e prezarem o anonimato. De modo a contornar estes aspetos e a motivar a participação de praticantes de BDSM, o conforto e a segurança permitidos por uma entrevista mediada por computador pareceu a melhor solução. Infelizmente, acabou por não ser o melhor caminho. Dele decorreram algumas limitações que têm peso nos resultados da investigação. A maior corresponde à desistência de alguns participantes, que deixaram entrevistas por terminar.

No meio BDSM, são variados os tipos de relações que se pode estabelecer, desde relações momentâneas durante sessões, até relações mais estruturadas com encontros regulares entre os parceiros, passando por relações com base numa ligação amorosa. Nestas, os envolvidos mantêm-se juntos não só pela compatibilidade de interesses BDSM, mas também pelo sentimento amoroso que os une. No nosso estudo, optámos por restringir o campo de análise ao segundo modo de relação.

O primeiro objetivo da nossa investigação era compreender como acontecem as relações amorosas entre praticantes de BDSM e como são incorporadas as práticas BDSM nessas relações, conjugando-se com o sentimento amoroso. Percebemos que o desenvolvimento e a continuidade destas relações não é muito particular em comparação com as relações “comuns”. O conhecimento de parceiros em linha não é exclusivo destas relações e a continuidade das mesmas não requer uma receita especial. No entanto, a prática do BDSM é bastante particular. Estas práticas estão envolvidas num certo grau de “violência” e, como tal, está implícito nelas um certo risco. Não é por acaso que elas se regem pelo lema “São, Seguro e Consensual”. A prática de BDSM envolve papéis, rituais, protocolos e regras, pelo que os seus praticantes não só devem estar conscientes do que é este mundo, como da necessidade de desenvolver um conhecimento dos seus próprios limites e dos do(s) parceiro(s).

As práticas BDSM podem ser entendidas como jogos de poder cujo ideal é a entrega física a outrem e/ou a responsabilidade por outra pessoa. São diversas as práticas que compõem o BDSM. Porém, há, em todas elas, o pressuposto de uma certa intimidade e confiança entre os envolvidos.

A entrada e o envolvimento dos praticantes no mundo BDSM acontece de diferentes formas, embora haja aspetos regularmente referidos, como a influência de um parceiro já iniciado, o cinema e a literatura, a procura de sensações novas.

A prática de BDSM “exige” transparência e entrega e um certo nível de exposição ao outro. Há, nelas, uma certa essência de romantismo. A confiança e a intimidade são percebidas como necessárias, uma vez que a experiência das mesmas ocorre, geralmente, segundo um certo grau de comprometimento envolto em emoções “fortes”. A conjugação do sentimento amoroso com a prática de BDSM é um dos temas mais controversos entre os praticantes, mas o nosso conjunto de entrevistados representa uma pequena prova de que essa conjugação é possível e concretizável.

Os entrevistados entendem que a articulação entre amor e BDSM requer uma maturação relacional que demora algum tempo a ser alcançada. Contudo, acreditam que

a prática de BDSM traz benefícios para a relação, possibilitando um profundo conhecimento dos sentimentos, das vontades e das necessidades do parceiro e criando uma profunda intimidade entre o casal. Vimos que, na prática do BDSM, importam mais as sensações que se pode tirar do corpo como um todo e não tanto o coito. No caso dos casais numa relação D/s, o BDSM adquire também um significado não sexual, na medida em que os seus princípios e rituais podem servir para recriar a ligação entre o casal, para se libertarem do *stress* causado por fatores exteriores à relação e, ainda, como busca espiritual. Na nossa análise, o cariz não sexual destas práticas transparece nos discursos, mais precisamente, na ideia de que são práticas que exigem intimidade e transparência, servindo para alimentar a ligação emocional do casal.

Os nossos resultados levaram-nos a caracterizar as relações amorosas entre praticantes de BDSM como relações onde há a definição explícita do papel de cada um na relação, um forte valor atribuído à comunicação entre o casal, a negociação de limites, uma forte noção de compromisso, um sentido de responsabilidade e de entrega que liga o casal, uma abertura emocional entre os parceiros e, ainda, uma primazia do “bem-estar” e da realização pessoal. Neste sentido, concluímos que estas relações comportam, em si, muitos dos aspetos constituintes da relação pura, que é composto por uma sexualidade desprovida dos propósitos da reprodução, pela satisfação dos envolvidos, pela intimidade no seio do casal, pela igualdade entre os parceiros, pela autonomia dos envolvidos e pela concretização pessoal.

Das dimensões constituintes da relação pura, destacou-se, nos nossos resultados, a dimensão relativa à intimidade. A comunicação aberta e continuada, a par da confiança no parceiro, são os aspetos mais constantes ao longo das entrevistas, sendo entendidos pelos praticantes como imprescindíveis nestas relações. O empenho e a dedicação à relação e ao parceiro também são aspetos recorrentemente referidos. Ainda dentro desta dimensão, ficou por analisar o parâmetro da sintonia emocional devido a não termos o testemunho de ambos os envolvidos na relação.

No sentido contrário, a dimensão refutada foi a referente à igualdade entre os parceiros. Contudo, traçámos uma interpretação sobre este resultado. Embora se trate de relações onde um elemento detém um poder explícito sobre o outro, parece ter havido consenso na definição desse poder. A igualdade entre os envolvidos pode, portanto, remeter-se para o campo das vontades e não tanto para o campo das ações. Todavia, este é um tópico que necessitaria de melhor desenvolvimento, nomeadamente por meio da análise da perspectiva de ambos os envolvidos na relação.

No que se refere à autonomia dos elementos do casal, visto que os nossos dados dizem respeito a apenas um dos elementos, os resultados obtidos também carecem de aprofundamento. Podemos, contudo, referir que os entrevistados afirmam haver algum grau de independência nas relações, na medida em que é “exigido” espaço para a satisfação pessoal a níveis externos à relação, assim como para a autodeterminação dos envolvidos, nomeadamente da parte submissa. Geralmente, o campo profissional é marcado como território exclusivo de cada um.

Quanto à satisfação com a relação, mais uma vez, teria sido necessário obter o depoimento do outro elemento dos casais. Porém, todos referiram consideravelmente mais benefícios do que imperfeições nas suas relações. No geral, as imperfeições prendem-se com fatores exteriores à relação e que podem atingi-la de alguma maneira, como, por exemplo, a falta de tempo e o *stress* da vida diária. Estes são problemas não exclusivos destas relações. Todavia, é comum a recorrência aos princípios que sustentam a prática do BDSM e os seus rituais como meios de resolver problemas no seio do casal, assim como para reaproximar os envolvidos.

As principais lacunas desta investigação prendem-se, essencialmente, com a não realização de entrevistas a ambos os elementos de cada relação, a par da desistência de alguns entrevistados a meio do processo de investigação. Tais lacunas deveram-se ao difícil acesso a esta população e à não disponibilidade daqueles que tiveram conhecimento deste estudo quer porque não correspondiam aos critérios que estabelecemos, quer porque não se queriam expor. Por outro lado, a nossa intervenção e angariação de participantes pode não ter sido a melhor, visto que a nossa primeira abordagem no *Fórum BDSM Portugal* não foi recebida da melhor maneira. De facto, a entrada no terreno requer alguma experiência.

Enquanto estudo exploratório, esta investigação permitiu, no entanto, explorar algumas características das relações amorosas entre praticantes de BDSM e compará-las com as relações puras. Como os resultados obtidos refletem uma pequena proporção da realidade, investigações futuras poderiam alcançar um conhecimento mais sólido através da análise de um maior número de participantes, bem como dos testemunhos de ambos os elementos de uma relação. Outros aspetos interessantes a analisar seriam os restantes tipos de relações que se estabelecem neste meio.

Referências Bibliográficas

Monografias:

BAUMAN, Zygmunt (2004), *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores.

BECKER, Howard S. (1966), *Outsiders. Studies in the sociology of deviance*, New York, The Free Press.

BOZON, Michel (2005), *Sociologia da Sexualidade*, Paris, Nathan.

BOURDIEU, Pierre (2002), *A Dominação Masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand.

BRANDÃO, Ana Maria (2008), “*E se tu fosses um rapaz?*”: *homoerotismo feminino e construção social da identidade*. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

BROWN, Toni O. L. (2010), “If someone finds out you’re a perv”: the experience and management of stigma in the BDSM subculture. Tese de Mestrado em Artes, Universidade de Ohio, EUA.

CUTLER, Bert (2003), *Partner selection, power dynamics and sexual bargaining in self-defined BDSM couples*, Tese de Mestrado em Filosofia, Universidade da Califórnia, EUA.

EDMONDS, Autumn D. K. (2013), *BDSM: what is that? Seeking a definition to the mis/ undefined*, Tese de mestrado, Universidade de Athabasca, Canadá.

FLICK, Uwe (2004), *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa*, Porto Alegre, Bookman.

FOUCAULT, Michele (1994), *História da Sexualidade I. A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D’Água.

FULKERSON, Anita (2010), *Bound by consent: concepts of consent within the leather and bondage, domination, sadomasochism (BDSM) communities*, Tese de Mestrado em Estudos Gerais, Universidade Wichita State, Kansas, EUA.

FREUD, Sigmund (1936), *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Lisboa, Livros do Brasil.

GHIGLIONE, Rodolphe e MATALON, Benjamin (1997), *O inquérito: teoria e prática*, Oeiras, Celta Editora.

GIDDENS, Anthony (1992), *Transformações da Intimidade*. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas, Oeiras, Celta Editora.

GUERRA, Isabel (2006), Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso, Estoril, Principia.

KRAFFT-EBING, Richard von (1997), *Psychopathia Sexualis*, Londres, Publicações Velvet.

MONCERI, Flavia (s.d.), *Sadomasochism. Deconstructing sexual identity through power*, Universidade de Molise, Campobasso, Itália.

MOTA, Ana Mafalda Ventura (2011), Para além da dor: fantasias de prazer, poder e entrega. Um estudo sobre bondage e disciplina, dominação e submissão e sadomasoquismo, Tese de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto.

NYE, Robert A. (1999), *Sexuality*, Nova Iorque, Publicações Universidade Oxford.

RAHMAN, Monin e JACKSON, Stevi (2010), *Gender & Sexuality: Sociological Approaches*, USA, Publicações Polity.

RODRIGUES, Anderson Ricardo (2012), *A construção da identidade social por meio do consumo vegetariano: um estudo netnográfico*, Tese de mestrado em Administração, Universidade Federal de Lavras, Brasil.

SANTOS, Luís Filipe Oliveira (2009), Tornar-se homem: dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos offline e online, Tese de Doutoramento em Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

SILVA, Marcelle Jacinto da (2012), *Linguagens, experiências e convenções de género e sexualidade no BDSM*, Tese de mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Ceará, Brasil.

WEBER, Max (1985) Conceitos Sociológicos Fundamentais. Consultado em Outubro 25, 2015, em http://www.lusosofia.net/textos/weber_max_conceitos_sociologicos_fundamentais.pdf.

WEBER, Max (1922) *Três Tipos Puros de Poder Legítimo*. Consultado em Outubro 25, 2015, em http://www.lusosofia.net/textos/weber_3_tipos_poder_morao.pdf.

WEEKS, Jeffrey (1985), “Nature had nothing to do with it”: the role of sexology, in *Sexuality and its discontents*, Nova Iorque, Routledge.

WEEKS, Jeffrey (1987), Questions of identity, in *The Cultural Construction of Sexuality*, Londres, Routledge.

WEEKS, Jeffrey (1995), *Sexuality*, Londres, Routledge.

YIN, Robert K. (2001), *Estudo de Caso: planejamento e métodos*, Porto Alegre, Bookman.

Artigos:

BAUMEISTER, Roy F. (1988), Masochism as Escape from Self, *The Journal of Sex Research*, 25 (1), pp. 28-59.

BAUMEISTER, Roy F. (1995), The Enigmatic Appeal of Sexual Masochism: Why People Desire Pain, Bondage and Humiliation Sex, *Journal of Social and Clinical Psychology*, 16 (2), pp. 133-50.

BRANDÃO, Ana Maria (2007), Entre a vida vivida e a vida contada: a história de vida como material primário de investigação sociológica, *Configurações*, 3, pp. 83-106.

BRITTES, Rogério (s.d.), Liberdade, Igualdade, Sofrimento e Dor. Diálogos entre Sade e o sadismo contemporâneo. *26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Brasil*, 1 e 4 de Junho, Brasil.

BULLOUGH, Vern L., DIXON, Dwight, DIXON Joan (1994) Sadism, Masochism and History, or when is behavior sado-masochistic? in Roy Porter e Mikulás Teich (1994) *Sexual Knowledge, Sexual Science. The history of attitudes to sexuality*, *Journal of the History of Sexuality*, 6(4), 604-606. Consultado em Janeiro 20, 2014, em http://www.jstor.org/stable/4617223?seq=1#page_scan_tab_contents.

CHALINE, E. R. (2010), The Construction, Maintenance and Evolution of Gay SM Sexualities and Sexual Identities: a preliminar description of gay SM sexual identity practices, *Sexualities*, 13 (3), pp. 338-356.

CROSS, Patricia A. e MATHESON, Kim (2006), Understanding Sadomasochism: An Empirical Examination of Four Perspectives, *Journal of Homosexuality*, 50 (2), pp. 133-166.

FOUCAULT, Michele (2004), Michele Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade, *Verve* (5), pp. 260-277.

FREITAS, Fátima Regina Almeida de (2010), Bondage, Dominação/Submissão e Sadomasoquismo: Uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e

poder em contextos consensuais, *Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos*. 23 a 26 de Agosto, Universidade Federal de Goiás, Brasil.

GREENWOOD, Ernest (1963), Métodos de investigação empírica em sociologia, *Revista Mexicana de Sociologia*, 25, (2), pp. 541-574.

GUIDROZ, Kathleen (2008), “Are you Top or Bottom?”: Social science answers for everyday questions about sadomasochism, *Sociology Compass*, 2 (6), pp. 1766-1782.

JAMIESON, Lynn (1999), Intimacy Transformed? A Critical Look at the ‘pure relationship’, *Sociology*, 33 (3), pp. 477-94.

LALANDA, Piedade (1998), Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica, *Análise Social*, 33 (4), pp. 871-883.

LANGDRIDGE, Darren, BUTT, Trevor (2004), A Hermeneutic Phenomenological Investigation of the Construction of Sadomasochistic Identities, *Sexualities*, 7 (1), pp. 31-53.

LINDEMANN, Danielle (2011), BDSM as therapy? *Sexualities*, 14 (2), pp. 151-172.

McCLINTOCK, Anne (1993), Maid to Order. Commercial Fetishism and Gender Power, *Social Text*, 37, pp. 87-116.

McCOSKER, Anthony (2005), A Vision of Masochism in the Affective Pain of Crash, *Sexualities*, 8 (1), pp. 30-48.

MELO, Marília Loschi de (2010), Atribuição e negociação de identidades em festas BDSM no Rio de Janeiro, *Intratextos*, v.1, pp. 65-84.

MONTEIRO, Venâncio, AUGUSTA, Núria (2012), Dor no corpo e prazer na alma: a construção do significado e da identidade no BDSM., *VII Congresso Português de Sociologia: Sociedade, Crise e Reconfigurações*. 19 a 22 de Junho de 2012, Porto.

MOSER, Charles (1998), S/M (Sadomasochistic) Interactions in Semi-Public Settings, *Journal of Homosexuality*, 36 (2), pp. 19-29.

MURIBECA, Mercês (2009), As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam, *Estudos de Psicanálise*, 32, pp. 117-128.

NEVES, J. L. (1996), Pesquisa qualitativa. Características, uso e possibilidades. *Cadernos de Pesquisa em Administração*, 1 (3), pp. 50-63.

NOVELI, Marcio (2010), Do Off-line para o Online: a netnografia como método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet? *Organizações em Contexto*, 6, (12), pp. 107-133.

OLIVEIRA, Marta Oliveira R., REGO, Bruno Bordeaux et. al. (2009), Uma comparação entre entrevistas face to face e entrevistas on-line via chat, aplicando-se a técnica laddering, *Gestão e Regionalidade*, 25 (75), pp. 57-72.

OLTRAMARI, Leandro Castro (2009), Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura, *Psicologia em Estudo*, 14 (4), pp. 669-677.

KOZINETS, Robert V. (1988), On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture, *Advances in Consumer Research*, 25, pp. 366-371.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa (2009), Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção de sadismo, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2 (2), pp. 379-386.

PRIOR, Emily E., WILLIAMS, D J (2015), Does BDSM Power Exchange Among Women Reflect Casual Leisure? An Exploratory Qualitative Study, *Journal of Positive Sexuality*, 1 (12), pp. 12-15.

SIMULA, Brandy Lin (2012), Does bisexuality 'undo' gender? Gender, sexuality and bisexuality behavior among BDSM participants, *Journal of Bisexuality*, 12 (4), pp. 484-506.

SOLLER, Brian (2010), Testing Giddens' Pure Relationship and Plastic Sexuality, *American Sociological Association Annual Meeting*, EUA.

TAYLOR, Gary W., USSHER, Jane M. (2001), Making sense of SM: a discourse analytic account, *Sexualities*, 4 (3), pp.293-314.

WEINBERG, Thomas S. (1987), Sadomasochism in the United States: a review of recent sociological literature, *The Journal of Sex Research*, 23 (1), pp. 50-69.

WEINBERG, Thomas S. (2006), Sadomasochism and the social sciences: a review of the sociological and social psychological literature, *Journal Of Homosexuality*, 50 (2/3), pp. 17-40.

WEINBERG, Thomas S. (s.d.), Sadism and Masochism: sociological perspectives, *The Bulletin of the American Academy of Psychiatry and the Law*, 6 (3), pp. 284-95.

ZILLI, Bruno (2008), O consentimento no discurso de legitimação do BDSM: sentimentos ou livre-arbítrio? *26ª Reunião Brasileira de Antropologia: Dilemas da (Des)Igualdade na Diversidade*. Porto Seguro, Brasil.

Anexos

Anexo 1

Guião de entrevista

Guião de entrevista

1. Quando ouviu falar, pela primeira vez, do BDSM?
2. Quando se envolveu, pela primeira vez, nessas práticas?
3. Como se deu esse envolvimento?
4. Tem preferência por algum papel enquanto praticante de BDSM?
5. Como descobriu o gosto por esse papel?
6. O que representa o BDSM na sua vida (estilo de vida/ momento/ teor sexual)?
7. Alguma vez idealizou ter um relacionamento amoroso com alguém do meio BDSM?
8. Pensa que haverá diferenças entre relacionamentos amorosos entre baunilhas e entre praticantes?
9. Na sua opinião, o que é necessário para se conseguir manter uma relação amorosa entre praticantes?
10. Como conheceu o seu atual companheiro?
11. Como se desenvolveu a vossa relação?
12. Há quanto tempo estão juntos?
13. Numa relação como a sua, acredita ser possível que os elementos do casal sejam autónomos e determinados nas suas ações e convicções, independentemente do papel que assumem enquanto praticantes?
14. Enquanto praticantes de BDSM, quais são os limites da dominação de um sobre o outro enquanto casal?
15. Quais entende serem os pontos fortes da vossa relação? E os pontos fracos?
16. Qual a importância que atribuem ao sexo na vossa relação?
17. Na sua opinião, o facto de serem ambos praticantes de BDSM traz benefícios à relação?
18. Há alguma questão que queira acrescentar?

Anexo 2

Grelha de categorias de análise

Grelha de categorias de análise

Categorias	Subcategorias
Iniciação no mundo BDSM	<ul style="list-style-type: none">- Conhecimento deste mundo- Primeiras experiências- Processo de envolvimento e iniciação
Prática de BDSM	<ul style="list-style-type: none">- Papéis (submisso/ dominador)- Preferências e significados
Relacionamentos amorosos	<ul style="list-style-type: none">- Idealizações- Relações D/s vs. Relações baunilha- Conjugação entre amor e BDSM
Relação amorosa atual	<ul style="list-style-type: none">- Início e desenvolvimento da relação- Autonomia e autodeterminação<ul style="list-style-type: none">- Limites da dominação- Pontos fortes e pontos fracos- Importância atribuída ao sexo- Benefícios de serem ambos praticantes